

UNIVERSIDADE SAGRADO CORAÇÃO

**PAULO HENRIQUE DA SILVEIRA LOPES
ROSILENE BARBAN**

**A TEORIA DO ESPELHO NA TELEVISÃO
UMA ANÁLISE DA NOVELA VALE TUDO**

BAURU
2011

**PAULO HENRIQUE DA SILVEIRA LOPES
ROSILENE BARBAN**

**A TEORIA DO ESPELHO NA TELEVISÃO
UMA ANÁLISE DA NOVELA VALE TUDO**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
APRESENTADO AO CENTRO SOCIAIS
APLICADAS COMO PARTE DOS REQUISITOS
PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE
JORNALISTA, SOB A ORIENTAÇÃO DA PROF^a
ESPECIALISTA SANDRA MARA FARIA
FIRMINO.

BAURU
2011

L8642t	<p>Lopes, Paulo Henrique da Silveira</p> <p>A teoria do espelho na televisão: uma análise da novela Vale Tudo / Paulo Henrique da Silveira Lopes, Rosilene Barban -- 2011. 82f.</p> <p>Orientadora: Profa. Esp. Sandra Mara Faria Firmino</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo) – Universidade Sagrado Coração – Bauru – SP.</p> <p>1. Análise. 2. Teoria. 3. Telenovelas. I. Barban, Rosilene. II. Firmino, Sandra Mara Faria. III. Título.</p>
--------	--

**PAULO HENRIQUE DA SILVEIRA LOPES
ROSILENE BARBAN**

**A TEORIA DO ESPELHO NA TELEVISÃO
UMA ANÁLISE DA NOVELA VALE TUDO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro sociais Aplicadas da Universidade sagrado Coração como parte dos requisitos para obtenção do título de jornalista, sob a orientação da Prof^ª. Especialista Sandra Mara Faria Firmino.

Banca examinadora:

Educadora Luciana Valesi
Examinadora

Pedagoga Sebastiana da Conceição Antunes
Examinadora

Prof^ª Especialista Sandra Mara Firmino Faria
Orientadora

Bauru, 08 de Dezembro de 2011.

Dedicamos esta monografia aos nossos pais que nos apoiaram e continuando nos apoiando em cada caminho da vida e também aos nossos queridos mestres que nos ensinaram a arte da profissão jornalismo.

RESUMO

Telenovela, uma trama, uma história, momentos, emoções, sentimentos de ódio, raiva e alegria, vividos em frente a um aparelho. Assim são construídas as realidades do mundo e da vida. Ao longo de 60 anos de existência, a televisão prende e já prendeu a atenção de muitas pessoas e têm sua evolução ao longo dos tempos. Junto com ela evoluem também as telenovelas. Obras televisivas repletas de personagens, tramas principais e secundárias, trilha sonora e que tem como único objetivo a comunicação. Comunicar, ato de tornar relevante e importante um assunto na mídia e na casa de cada um de seus telespectadores. A telenovela antes de tudo é a comunicação entre a realidade adaptada e o receptor /consumidor. Muitos autores, quando criam suas histórias tem a ideia de que vão mexer com a opinião e a vida de muitas pessoas, mas não possuem a ideia, o conceito de que teorias estão por trás disso e podem culminar no jornalismo. O jornalismo abrange a comunicação como informação e possuem diversas teorias. O propósito desse trabalho foi estudar e mostrar que as teorias estão presentes nas telenovelas. Em especial estudo, a teoria do espelho no grande sucesso “Vale Tudo”.

Palavras-chave: Análise. Teoria. Telenovelas.

ABSTRACT

Soap opera, a story, a story, moments, emotions, feelings of hatred, anger and joy, lived in front of a machine. Such are the realities of the built world and life. Over 60 years of existence, and already holds the television caught the attention of many people and has its evolution over time. Along with it also evolves telenovelas. Works full of television characters, main plot, secondary soundtrack and has the sole purpose of communication. Communicate, act of making a relevant and important issue in the media and the home of each of its viewers. The soap opera is first of all communication between the reality and adapted receiver / consumer. Many authors, when they create their stories is the idea that going to mess with the views and lives of many people, but do not have the idea, the concept of theories that are behind it and can culminate in journalism. Journalism covers information and communication as have several theories. The purpose of this work was to study and show that the theories are present in telenovelas. In particular study, the theory of the mirror the highly successful "Vale Tudo".

Key- Words: Analysis. Theory. Soap operas.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	PÁG. 07
2	METODOLOGIA	PÁG. 08
3	DESENVOLVIMENTO	PÁG. 09
3.1	COMUNICAÇÃO	PÁG. 09
3.2	TEORIAS DO JORNALISMO	PÁG. 13
3.2.1	TEORIA DO ESPELHO	PÁG. 15
3.3	TELEVISÃO	PÁG. 17
3.3.1	A TELENOVELA	PÁG. 19
3.3.1.2	AO LONGO DOS ANOS... UMA PAIXÃO NACIONAL	PÁG. 19
3.3.2	A TELENOVELA COMO FORMA DE COMUNICAÇÃO	PÁG. 24
3.3.2.1	ASSUNTOS SOCIAIS	PÁG. 24
3.3.2.2	A ARTE SOCIAL E MODERNA DE GLÓRIA PEREZ	PÁG. 25
3.3.2.3	TÁ NA TELINHA, TÁ NA MODA!	PÁG. 26
3.3.2.4	O REALISMO FANTÁSTICO	PÁG. 28
3.3.2.5	ADAPTAÇÕES LITERÁRIAS	PÁG. 29
3.3.2.6	RETRATOS DE UM BRASIL: O PASSADO NAS NOVELAS	PÁG. 31
3.3.2.7	NA TRILHA DO SUCESSO	PÁG. 32
3.3.2.8	TRILHAS SONORAS: NO SOM DA MPB	PÁG. 34
3.3.2.9	QUEM MATOU QUEM? O VERDADEIRO ASSASSINO	PÁG. 36
3.3.2.10	“... E VIVERAM FELIZES PARA SEMPRE”	PÁG. 38
3.3.2.11	AS “MUSAS” DE GILBERTO BRAGA	PÁG. 41
3.4	A TEORIA DO ESPELHO NA NOVELA “VALE TUDO”	PÁG. 45
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	PÁG. 51
	REFERÊNCIAS	PÁG. 52
	APÊNDICES	PÁG. 54

1 INTRODUÇÃO

A telenovela desde seu surgimento têm se tornado produto para diversão, discussão, publicidade e consumismo. Paixão nacional de todo brasileiro, ao longo dos anos evoluiu e faz parte, cada dia mais, da vida do público que a assiste todos os dias. Com enredos bem-elaborados, criativos e até mesmo complexos, as telenovelas assumem diferentes papéis. Tais papéis são difundidos pelos veículos de comunicação que possuem ideologias e pelos autores que aplicam seus conhecimentos e suas particulares da vida. Ao falarmos desses diferentes papéis, não podemos deixar de fora os assuntos sociais, pois é aí, que está o maior campo para discussão e assunto. A partir do momento que se propõe algo desse cunho em uma obra televisiva, sabe-se que irá levantar questionamentos, reflexão de ideias e conflitos. Subproduto do que podemos chamar de meio de comunicação, a telenovela caminha para um ritmo cada vez mais frenético e interativo e repleto de persuasão. Persuasão, verbo importante e que nesta pesquisa bibliográfica se relaciona com o jornalismo. O jornalismo tem como objetivo informar, tornar utilitário uma notícia para quem ouve, assiste e lê em diversificados veículos de comunicação. E é desmembrando o jornalismo que chegamos “As teorias do jornalismo”. Neste campo existem diversas teorias, entre elas a “Teoria do espelho”. Teoria na qual prevalece a verdade nua e crua, a realidade custe o que custar. Quando um autor escreve sua novela e decide os enredos e temas sociais que vai apresentar, será que o mesmo imagina que existem teorias que podem fundamentar suas histórias? Esta pesquisa aplica a citada teoria e analisa uma obra conhecida e que mexeu com as emoções, pensamentos e criticidade do grande público, “Vale Tudo” (1988), de Gilberto Braga.

Assim, estabelecendo a relação acadêmica entre jornalismo e telenovela. Um entrelaço entre dois subprodutos da comunicação, que de suas maneiras e características abrangem a grande massa.

As novelas participam de tal maneira da vida dos brasileiros que as pessoas se guiam por seus horários de exibição para marcar compromissos. Mas criar esse “hábito”, tornar a novela parte da rotina das pessoas, não é tarefa fácil, sem uma caixa preta, como as do teatro e do cinema, que imediatamente transportam o espectador para outro estado de concentração, a teledramaturgia fica sempre disputando atenção com os acontecimentos do dia a dia. (REDE GLOBO DE TELEVISÃO, 2010, p. 10).

2 METODOLOGIA

Este trabalho tem como método, a pesquisa bibliográfica para mostrar que a novela desde seu principio é uma forma de comunicação. A comunicação acontece no momento em que há um elo entre obra e público. O jornalismo é uma das áreas da comunicação e possui diversas teorias, dentre elas, a teoria do espelho. É possível aplicar tal teoria da comunicação/Jornalismo nas telenovelas. Por ser uma obra aberta, repleta de assuntos do cotidiano e puramente sociais e psicológicas, a telenovela se firma com o objetivo de persuadir massas ou até mesmo provocar debates. O presente trabalho analisa através da teoria, já citada, a novela “Vale Tudo”. “A pesquisa é uma atividade voltada para a solução de problemas, através do emprego de processos científicos. A pesquisa parte, pois, de uma dúvida ou problema e, com o uso do método científico, busca uma resposta ou solução”. (CERVO, BERVIAN, 1996, p. 44).

Por meio de estudos e leituras pertinentes da obra, como conseguinte uma análise mais próxima, da história, personagens, temas apresentados e resultado final de exibição.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 Comunicação

Para toda relação, e em qualquer forma de transmissão é necessário que a comunicação se faça presente. Comunicar é emitir e receber mensagens que não precisam necessariamente serem faladas. A mensagem pode chegar através de gestos, estímulos visuais, signos, músicas, imagens ou vídeos, e estabelecer relações entre pessoas ou coisas.

A comunicação só é efetivada quando se tem uma interação entre emissor e receptor, sejam eles quais forem. Para marcar território, seduzir ou mostrar seu interesse, os animais se comunicam entre si e não deixam dúvidas quando passam as informações para uma presa fácil se proteger ou para uma possível parceira se aproximar. “... os animais se comunicam, bem como a comunicação realizada entre aparelhos técnicos (dois computadores ligados por modem, por exemplo)...” (FRANÇA; HOHLFELDT; MARTINO, 2008, p.12).

Para que um meio de comunicação deixe de ser acessório ou objeto de decoração e consiga realmente informar e comunicar é necessário que haja uma relação com o receptor. Uma televisão desligada ou falando termos desconexos ou em um idioma que o telespectador não compreenda, não estará comunicando e por consequência, não cumprirá seu papel de informar e interagir. Um rádio nas mesmas condições não passará de mais um objeto sem utilidade, um mero enfeite. Um livro sem que o leitor o compreenda não terá função alguma.

Para que a página de um livro se transforme em mensagem é preciso reunir tanto a atividade do leitor, quanto o produto da atividade do escritor. Consequentemente, um livro na estante não é comunicação, senão a partir do momento dessa interação. (FRANÇA; HOHLFELDT; MARTINO, 2008, p.14).

Informar faz parte da comunicação, e a intenção é ser compreendido quando se transmite qualquer mensagem, fazer-se entender independente do meio em que a mesma for gerada. O receptor só codificará, e poderá interpretar o que compreender.

A informação é uma comunicação que pode ser ativada a qualquer momento, desde que outra consciência (ou aquela mesma que codificou a mensagem) venha resgatar, quer dizer, ler, ouvir, assistir... enfim decodificar ou interpretar aqueles traços materiais de forma a reconstituir a mensagem. (FRANÇA; HOHLFELDT; MARTINO, 2008, p.17).

A comunicação faz parte de toda forma de relacionamento, e quando as palavras nos faltam, o corpo através de sua própria linguagem, desenvolve e transmite inúmeras mensagens. É por isso que dizemos que um gesto pode dizer mais que mil palavras. Somos

bombardeados diariamente com uma comunicação que a princípio pode passar despercebida, mas está subliminarmente inserida em campanhas publicitárias, telenovelas, jornais, músicas, videocliques e inúmeras outras formas de exploração. A evolução social e o progresso ampliam cada vez mais a era da comunicação. “O conhecimento da comunicação surge marcado pelas questões colocadas pela urbanização crescente do mundo, pela fase de consolidação do capitalismo industrial e pela instalação da sociedade de consumo...” (FRANÇA, MARTINO, HOHLFELDT, 2008, p.53).

O homem sempre teve a necessidade de se comunicar, no início manifestava-se através de sinais e símbolos, e usava a linguagem corporal juntamente com os gestos. Posteriormente começou a emitir sons que mais tarde tornaram-se realmente fala. Como não existia a escrita, ele tentava transmitir suas experiências e imortalizar suas histórias através da comunicação oral, o que possibilitou inúmeros avanços e foi a porta de entrada para a civilização. Lendas, grandes histórias, marcos na humanidade, datas especiais e inúmeros fatos que marcaram época, só puderam resistir e prevalecer ao tempo com a comunicação e sua evolução. Mais tarde, a escrita possibilitou registrar e imortalizar oficialmente alguns fatos importantes que antes ficavam esquecidos. Essa fase marcou o fim da Pré-história e o início da História. A prensa foi o grande marco na história da comunicação, criada por Johannes Gutenberg, que em 1455 encerrou um projeto tipográfico com um total de duzentas bíblias. “O livro impresso transforma o homem, e a relação entre homens transforma o mundo.” (PATERNOSTRO, 2006, p. 18).

Posteriormente, como grandes invenções que marcaram época, surge o rádio, o telefone e o cinema, como grandes meios. A televisão seria a inovação, um dos maiores meios de comunicação de massa, associando informação, entretenimento e imagem.

O ser humano sempre teve necessidade de comunicar-se, passou décadas, limitado ao relacionamento entre um indivíduo e outro que estivesse próximo, sem assim, expandir suas idéias, adquirir e enviar informações importantes ou manifestar seus interesses e ideais para o mundo. Evoluiu, aprendeu a fazer fogo, enviou sinais de fumaça, passou a distinguir sons, aprendeu a caçar, a utilizar o couro dos animais, descobriu suas habilidades manuais, criou instrumentos como o tambor, se manifestou através de seu som, evoluiu e caminhou em direção ao progresso comunicativo, chegando a grandes marcos como nos dias atuais.

O rádio e a televisão foram veículos de massa que possibilitaram a princípio, tal evolução. Já em seu início as transmissões radiofônicas eram direcionadas a divulgar informações e acontecimentos importantes, tudo estava em processo de adaptação, e para que o som chegasse com nitidez eram necessários que alguns ajustes fossem feitos. Com o

interesse cada vez maior da população e dos investidores, os equipamentos como transmissores e receptores foram sendo adquiridos, adequando-se e proporcionando uma melhor transmissão sonora. Passou a tornar-se mídia de grande entretenimento e comunicação social, conseqüentemente geradora de interesses públicos e financeiros.

Aí, companhias importantes começaram a patrocinar programas. Uma loja de departamentos pagou por um programa musical de uma hora de duração. Um fabricante de artigos de fumo patrocinou um espetáculo de variedades pelo rádio. Uma fabricante de balas e doces apresentou dois comediantes. O público foi muito atraído por essas exibições, e as audiências quiseram mais. (BALL-ROKEACH; DEFLEUR, 1993, p.122).

Hoje a informação chega a todos os lugares de forma rápida e eficaz, em primeiro lugar está o rádio, que continua sendo o veículo imediatista, que leva a notícia na hora em que os fatos acontecem. Com um celular é possível conectar-se ao vivo e transmitir a informação em tempo real. Além disso, esta mídia é companhia garantida, em casa, no carro, no trabalho, e em vários outros locais, sendo esse seu diferencial. Em segundo lugar está a televisão que encanta e consegue persuadir também com o recurso da imagem, mas tem que cumprir seus horários e não tem a disponibilidade para conciliar a programação normal com a divulgação de notícias de última hora. Em terceiro lugar está a internet que pode ser acessada a qualquer hora e em qualquer local, tem a possibilidade de ter suas notícias sempre atualizadas e alteradas, mas sem tanto imediatismo. O jornal impresso está em quarto lugar, pois a edição tem dia e hora para ser fechada, e muitas vezes um fato importante ocorre depois desse período. E por último estão as revistas que no mínimo são semanais, impossibilitando assim, que uma notícia seja dada em primeira mão.

Os veículos tiveram que se adaptar e evoluir junto com a sociedade, as constantes mudanças e inovações tecnológicas ao longo dos tempos não fez com que um meio excluísse o outro, apenas os motivou ao aperfeiçoamento e a criação de novas técnicas para atrair cada vez mais o seu público-alvo. Não há como retroagir, a evolução é inevitável.

Nossos veículos sobreviverão como um sistema porque funções importantes estão sendo proporcionadas à sociedade como um todo. Isto é, o sistema de mídia tem conseqüências para a população que são encaradas como deveras importantes. Enquanto nossos veículos atenderem a essas necessidades da sociedade que se afiguram importantes, o sistema que as satisfaz permanecerá em seu lugar. (BALL-ROKEACH; DEFLEUR, 1993, p.142).

O visível crescimento dos meios, as grandes inovações e o surgimento de novas mídias, fez com que pesquisadores da área se dedicassem ao desenvolvimento de um estudo direcionado, chegando às teorias da comunicação de massa. O objetivo maior era analisar audiência, estratégia e saber quais influências causavam ao público. "... os meios de

comunicação são chamados a desempenhar o papel de persuasores das vontades e sentimentos individuais da população...” (FRANÇA; HOHLFELDT; MARTINO, 2008, p.54).

Das teorias, as mais conhecidas são:

Teoria crítica, ou escola de Frankfurt: Evidencia a manipulação e a alienação que os meios de comunicação exercem sobre o grande público. Cada pessoa em si perde sua própria identidade e começa a ser reflexo do que a mídia a impõe, aceita sem criticar, questionar ou ao menos se informar sobre o que o está sendo imposto. Não reage contrariamente nem a questões que antes lhe pareciam erradas. É o comércio da comunicação, a indústria cultural, que caracteriza a cultura de massa, a massificação da comunicação;

Teoria da independência: É uma tentativa de democratizar os meios de comunicação, propondo uma maior participação comunicativa;

Teoria hipodérmica: O público ao se ver desamparado pelos serviços e orientações sociais fica a mercê de toda e qualquer outra informação que lhe chega, e é nesse momento que os meios de comunicação entram em cena, suprindo essa carência e atuando de forma impactante. Persuadir quem está alheio a outros tipos de cultura torna-se muito mais fácil;

Agenda setting: Os meios de comunicação exercem grandes influências sobre o público. As informações recebidas e assimiladas serão discutidas posteriormente nas rodas de amigos ou em algum ambiente social. Não existe uma total alienação, mas as opiniões giram em torno do micro mundo daquelas informações. A massificação nesse caso vai sendo construída como resultado daquilo que os indivíduos irão pensar após serem informados;

Espiral do silêncio: É o recolhimento que o meio de comunicação provoca. Quando o indivíduo tem opinião divergente à veiculada pela mídia prefere não manifestar-se, e só o faz se na conversa com os amigos predominarem opiniões iguais a sua, caso contrário, recolhe-se com receio de possíveis represálias.

Quase sempre no ressurgimento do paradigma da sociedade de massa se está fazendo reverência aos seus mitos fundadores e deixando de lado o rigor metodológico de uma análise criteriosa da presença dos mass media na sociedade e de sua relação com o público. Com facilidade, esquecemos um velho provérbio de Tomás de Aquino: “A vida transborda o conceito”, que deveria transbordar os mitos que colonizam e bloqueiam, muitas vezes, nossa maneira de pensar com discernimento. (FRANÇA; HOHLFELDT; MARTINO, 2008, p.116).

É fato que as mídias fazem parte do desenvolvimento da sociedade, e não há como retroagir e negar tal evolução. Os questionamentos são sempre em torno da alienação e da exploração que esses meios causam. Estamos sendo condicionados a pensar, agir, nos portar, e muitas vezes a calar e silenciar diante de fatos que normalmente nos pronunciaríamos e

reivindicaríamos nossos direitos ou de alguém próximo. O público está vulnerável e conseqüentemente tornou-se manipulável e influenciável aos apelos comunicativos excessivos. As mídias passaram a ser formadoras de opiniões e muitas vezes suas verdades são passadas como absolutas. Influenciam na parte econômica, política, educacional, familiar e religiosa do país. Para cada segmento existe um direcionamento específico na intenção de atingir ao público-alvo. A mídia está formando cidadãos e esse não é o seu papel.

A falta de uma política cultural direcionada, com formação e informação necessária para que a informação seja recebida, avaliada e assimilada ou não pelo público está dando mérito a quem não os tem. Os meios de comunicação informam e divertem, mas é com educação e qualificação que se muda um país.

3.2 Teorias do Jornalismo

Com o passar do tempo, vários estudos foram desenvolvidos na tentativa de entender o princípio e a motivação das notícias e esclarecer como o jornalista deve atuar perante a sociedade. O que todas as teorias argumentam é porque as notícias são como são, e as respostas originaram vários conceitos presentes em cada uma delas, que interligam entre si.

A teoria do espelho, nada mais é que o compromisso do profissional com o que lhe foi eticamente confiado no início da profissão, o comprometimento com a verdade, seus valores ideológicos profissionais colocados em prática. O jornalista retrata a realidade tal como ela é ou pelo menos assim deveria ser. É como se fosse um espelho refletindo os acontecimentos reais, mostrando os fatos como realmente acontecem. A forma de transmissão da notícia deve ser como se estivesse mostrando ao público um espelho e esse tivesse uma noção clara e exata do real. “É a teoria mais antiga e responde que as notícias são como são porque a realidade assim as determina.” (TRAQUINA, 2005, p. 146).

A teoria da ação social ou teoria do Gatekeeper. Um determinado fato acontece gerando informações, notícias em potencial. O jornalista então seleciona as que mais lhe interessarem para a publicação. Abre e fecha os “portões” (Gates) para tais acontecimentos, como em um processo de seleção. Julga qual notícia será mais pertinente à sua linha de trabalho e qual será de maior interesse público para que sejam publicados. As que julgarem sem potencial e desinteressante, descarta. A escolha do que é ou não importante será determinado pelo profissional da área.

A teoria organizacional. A notícia aparece como um produto a ser vendido, e como tal, obedece às normas e regras da empresa. O jornalista segue o que lhe é imposto pela

organização em que trabalha, sendo condicionado a cumprir suas determinações. Os valores éticos e morais da profissão e até os pessoais muitas vezes são deixados de lado para seguir regras organizacionais de seu local de trabalho. Existe a política da própria empresa e os profissionais ficam vulneráveis a ela, muitas vezes sujeitos a aceitar determinadas situações sem se colocar contrários. A maioria aceita as imposições das empresas por vários fatores, por receber benefícios, recompensas ou duras punições, por valorizar e querer preservar o sentimento de amizade no local de trabalho, por objetivar um crescimento profissional, pelo bem-estar e prazer proporcionados pela profissão, que valoriza o jornalista, dando-lhe a possibilidade de ser o primeiro, a saber, de grandes fatos e também de ser o porta-voz de inúmeros acontecimentos importantes, contribuindo assim, com a sociedade, por valorizar a notícia e saber que todos têm um objetivo em comum, o compromisso de chegar na hora em que os fatos acontecem e correr contra o tempo para que os mesmos cheguem ao público o mais rápido possível, não comprometendo assim o horário do fechamento da edição e mantendo a harmonia do grupo. Esses são alguns fatores que explicam determinadas situações aceitas por parte dos profissionais da área jornalística. “Segundo a teoria organizacional, o trabalho jornalístico é influenciado pelos meios de que a organização dispõe. Assim, esta teoria aponta para a importância do fator econômico na atividade jornalística.” (TRAQUINA, 2005, p. 158).

A teoria da ação política compreende que a mídia está disponível e a serviço dos interesses políticos. Há uma submissão dos meios de comunicação que gera certa dependência perante o governo e a publicidade. A notícia tornou-se um produto a ser vendido, portanto para que isso aconteça de forma satisfatória, ela deve ser o mais atraente possível, mas o que não significa que esteja sendo imparcial. Tudo gira em torno de interesses políticos e comerciais. O acontecimento mais interessante é o que venderá mais e conseqüentemente dará mais lucros. Os anunciantes detêm parcialmente o poder dos meios por contribuírem de forma expressiva na parte financeira da empresa, e por esse motivo as mídias tornam-se vulneráveis às suas pressões, solicitações e imposições. Assim também acontece com a subordinação dos meios perante ao governo, que por ter concedido que o meio estivesse no ar, se acha no direito de impor certas regras que eticamente não lhe caberiam. Os jornalistas acabam perdendo sua autonomia e cumprindo as ordens que lhes são impostas, muitas vezes deixam a imparcialidade de lado e pensam no melhor para a empresa.

Seja de esquerda ou de direita, estas teorias defendem a posição de que as notícias são distorções sistemáticas que servem os interesses políticos de

certos agentes sociais bem específicos que utilizam as notícias na projeção de sua visão do mundo, da sociedade, etc. (TRAQUINA, 2005, p.163).

A teoria construcionista. Os acontecimentos são vistos como histórias resultantes de uma construção, e o modo como são contextualizadas, narradas, e organizadas darão a diretriz para a notícia final. O contexto cultural ou social em que a notícia estiver ou for inserida, fará toda a diferença, podendo até mudar os fatos. O jornalista com uma participação ativa faz parte dessa construção, pois é ele quem está no local vivenciando o momento em que tudo acontece, e será com sua interpretação e narrativa que o público formalizará uma opinião. Nessa teoria não se acredita no processo de distorção das notícias, nem que as mesmas sejam espelho da realidade.

A teoria estruturalista. As notícias aparecem como um produto socialmente construído, onde predomina a ideologia dominante dos proprietários dos meios de comunicação, que impera e dita regras, deixando os jornalistas sem a autonomia necessária para que um trabalho mais elaborado aconteça. As notícias resultam de vários fatores como uma burocratização e rotina excessiva da mídia, estruturação dos valores-notícia, um dos fatores fundamentais da socialização, que constitui a ideologia do profissional da área jornalística, que sabe discernir o que é do que não pertence ao campo da informação, e também o momento em que a notícia é construída, onde há a interpretação dos fatos. “Encarado como um espaço de reprodução da ideologia dominante, o campo jornalístico perde o seu potencial...” (TRAQUINA, 2005, p.180).

A teoria interacionista ou Newsmaking. É o resultado em um processo de produção em que temos na visão do apurador a percepção, transformação e seleção do que seria o fato ainda bruto para uma notícia (produto final).

3.2.1 Teoria do espelho

Todo ser humano possui através de seu pensamento, de sua visão, fragmentos do que acredita ser a sua realidade, o conceito do que realmente é. Imagine uma realidade nua e crua, doa a quem doer. O que se leva em conta, o que você acredita é mais significativo através dos seus olhos. Não interessa o quanto você conheça aquele assunto ou é desinteressado nisso, é necessário criar, transformar a sua realidade. Jornalistas de todo o mundo são assim: fragmentados.

O que é o belo? Como se definir a beleza? Se perguntarmos para qualquer pessoa, ela irá descrever a sua maneira, como vê e enxerga e tem em sua mente esse conceito de belo, de

beleza. Ou seja, fragmentada na ideia daquele ser. Com isso, podemos concluir que a beleza não tem sua totalidade, muito menos algo definido e dito como certo ao seu fim. O mesmo acontece com a realidade, ela é vista aos olhos de quem sente e presencia. Se voltarmos tempos atrás, até as escolas literárias que desenvolveram a literatura, uma corrente literária conhecida como “Realismo” já defendia essa ideia. A realidade deve ser criticada, não vista pelo todo, mas pela parte e desse modo, nua a crua.

O “Realismo” procurou fazer da arte um espelho que refletisse, sem as distorções subjetivas e sentimentais do “Romantismo”. Sua ambição era mostrar “a vida como ela realmente é”. Julgava-se para isso, que fosse necessário que a obra de arte, pintura, poesia, música resultassem da observação direta da realidade, e que estas fossem vistas com objetividade e espírito muito crítico. Entraram nesse ramo aspectos políticos, econômicos, sociais e psicológicos. Era praticamente uma aversão a tudo que fosse inverossímil, imaginário ou sonhador.

No jornalismo não é diferente, tendências já mostraram e falaram que o jornalista também criava sua realidade fragmentada a sua maneira, sem panos e enredos, como é. Assim é a teoria do espelho. Teoria na qual o jornalista tenta ser fiel, imparcial, desinteressado, mostrar sua realidade perfeita.

O cotidiano é a peça-chave para criação dessa realidade. Através de fatos, acontecimentos e notícias são construídas a imagem, o texto do jornalista. São abordagens do que acontece no dia a dia. Um simples roubo ou até mesmo a queda de um avião são exemplos de assuntos/fatos que podem vir ser notícia. Na verdade o cotidiano e a teoria do espelho se completam, é como pegar a realidade e transformar em um texto imaginário, uma criação do real imaginário. Mas tal ponto se torna impossível e complicado, pois a realidade é uma eterna variável, devido a ideologias, crenças culturais, sociais, religiosas e até mesmo políticas.

Vivemos num mundo contemporâneo em que imagens são feitas e jogadas a todo o momento, se tornando até mesmo sobrecarregadas, o que satura e deixa o jornalista com sensação de total credibilidade e imparcialidade. Pois a teoria do espelho nada mais é que um ego exaltado e ideológico do jornalismo. O jornalista trabalha com imagens, para compor seus textos para a televisão, jornal, internet e até mesmo revista, são necessárias imagens e imagens para preencher lacunas e dar à atenção necessária a tudo isso. Se você acredita que nesta teoria a verdade tem que ser dita, não há então, uma ponderação, um processo de análise para filtrar e tornar mais ético o que se vê e posicionou da realidade.

As notícias são como são, é a teoria oferecida pela própria ideologia profissional dos jornalistas (pelo menos nos países ocidentais). É a teoria mais antiga e responde que as notícias são como são porque a realidade assim as determina. [...] Mas a teoria do espelho, intimamente ligada à própria legitimidade do campo jornalístico, é uma explicação pobre e insuficiente, que tem sido posta em causa repetidamente em inúmeros estudos sobre o jornalismo. (TRAQUINA, 2005, p. 146 e 149).

3.3 Televisão

Na corrida para a evolução comunicativa, visando sempre qualidade e maior alcance de transmissão, e priorizando que a informação chegasse de forma eficiente para um maior número de pessoas, vários recursos foram criados. A possibilidade de gerar imagem e poder transmiti-la era o que mais fascinava. A televisão foi uma das grandes invenções dos últimos tempos, um grande marco do século XX. Até então, não havia nada que se comparasse a ela. A imagem possibilitou que tudo se tornasse mais atrativo e interessante. Nascia uma nova era de informação e entretenimento.

Esse novo meio atraiu adeptos de toda parte, cada qual com suas identificações. O novo veículo passou a fazer parte da família, e ter seu lugar de destaque em cada casa. Com uma programação variada conseguiu atingir vários públicos, exercendo fascínio em todas as faixas etárias e conseguindo prender a atenção de uma forma mágica. Assim o televisor e os outros veículos são novidades em torno das quais seres humanos organizam suas vidas em modelos diferentes do que jamais ocorrera no decorrer de nossa evolução. (BALL-ROKEACH; DEFLEUR, 1993, p.42).

Desenhos animados, novelas, filmes, seriados, telejornais, esporte, cultura e culinária são alguns programas que passaram a fazer parte da rotina das pessoas. Cada qual com seu público direcionado, se empenhando para que houvesse cada vez mais identificação. A falta de opções de lazer aproxima ainda mais as pessoas dessa mídia, que acaba sendo uma das únicas formas de diversão disponível, de baixo custo e ao alcance de todos.

As crianças são telespectadores em potencial, há um grande investimento para que esse público cresça prestigiando essa mídia, o interesse tem suas razões de ser. “As crianças de nossa sociedade gastam mais tempo, em média, assistindo o que ele tem a oferecer do que passam na escola!” (DEFLEUR, 1993, p. 42).

Os telespectadores muitas vezes criam laços afetivos e vêem na televisão uma forma de suprir seus vários tipos de carências. A telinha passou a ser companheira de todas as horas. Muitas pessoas se deixam influenciar e agem de acordo com o que lhes é imposto. A TV tem esse poder, manipula de forma sutil ou descarada, e atinge seus ideais.

Fatos políticos e sociais também são discutidos e expostos pela mídia. É necessário discernimento para poder entender e analisar os acontecimentos sem se deixar influenciar. É preciso manter uma opinião própria.

Como sendo um dos grandes meios de comunicação de massa, o conteúdo veiculado na televisão pode atingir com facilidade seu público-alvo e ocasionar a chamada reação em cadeia, onde várias pessoas aderem a uma idéia ou situação, que resulta em algo grandioso e catastrófico. A imagem que entretém sai do mesmo local que causa impacto, é preciso cuidado.

As propagandas comerciais são o que movem a programação, que depende quase que exclusivamente do investimento de seus anunciantes para sobreviver. Essa grande invenção midiática tornou-se um meio imediatista, seu impacto é certo e o resultado são milhares de aparelhos ligados ao mesmo tempo, todos em sintonia.

No início, quem possuía um aparelho de televisão, na época ainda preto e branco, era altamente elogiado na sociedade, tal aquisição despertava cobiça e inveja alheia, pois só pessoas de posses tinham acesso aquela mídia e sendo assim todos queriam visitá-lo na esperança de ser convidado para assistir um pedacinho que fosse da telenovela.

Muito popular, já que abrange todo o arco da sociedade, a televisão é um meio de comunicação que transforma a vida das pessoas: muda conceitos, forma opiniões, cria hábitos, inspira comportamentos, reduz distâncias, aproxima. (PATERNOSTRO, 2006, p. 20) (2006).

É notório o poder que a TV tem de persuadir e influenciar. Desde sua invenção, na década de 20, até os dias de hoje, ela só tem evoluído. O Brasil só na década de 50 passou a desfrutar de tal benefício, que se tornou um fenômeno, e com o passar dos anos só se aperfeiçoou. A população a acolheu de braços abertos e abriu um espaço mais que especial não só em sua sala, mas em sua vida particular. A TV deixou de ser apenas um eletro eletrônico para fazer parte da família. Seu processo de transformação é visível e aumenta a cada dia, mas sua intenção continua sendo a mesma; manter o maior número de pessoas o mais tempo possível em frente a sua telinha. “É evidente que a televisão está condicionada pelas características e pelos hábitos de seu público, mas ela mesma constitui também um fator condicionante na formação dos hábitos sociais.” (SCHENKER, 1979, p.106).

Com as novas tecnologias, as cores não demoraram a aparecer e contagiaram ainda mais os telespectadores que passaram a ver as imagens com mais nitidez, como realmente eram.

Esses aparelhos tornaram-se indispensáveis na vida das pessoas, e o mercado se adaptou a essa procura, ajustando-os para que pudessem ser instalados em vários locais, e

levados para onde quiser, nas versões portáteis. O consumo é tanto que muita gente abre mão de outros bens para adquiri-los. O que antigamente era considerado artigo de luxo, possível apenas para a alta classe social, hoje se popularizou e pode ser comprado por todos, em qualquer esquina, e de forma facilitada. Em uma casa pode faltar muitas coisas, comida inclusive, mas a televisão com certeza estará lá. A potência não importa, desde que se consiga assistir a tão esperada novela das oito ou o programa divertido do domingo. "A TV brasileira conquistou em menos de cinquenta anos o que provavelmente nenhuma outra indústria conseguiu no século inteiro. É mais importante do que a geladeira para o brasileiro." (PEREIRA JUNIOR, 2002, p.57).

A Rede Tupi faz aniversário junto com a TV no Brasil, foi a primeira emissora a se instalar em nosso país, e por vários anos não teve concorrentes. Com o passar do tempo, novas emissoras surgiram e a disputa pela audiência de cada telespectador e o investimento de cada anunciante era acirrada, o que possibilitou maior qualidade e diversificação na programação.

Hoje, uma das novidades são as TVs digitais que permitem uma alta resolução das imagens, proporcionando cada vez mais qualidade e clareza nas transmissões. As telas que antes eram de cinco polegadas, já ultrapassam as 50.

A televisão é considerada um meio de comunicação com incrível capacidade de persuasão, conhecida pela facilidade com que aliena o telespectador, interferindo em seus hábitos e em sua rotina, mas não há como negar a sua contribuição com o desenvolvimento mundial, é indiscutível a revolução proporcionada por essa mídia que continua a surpreender, inovando mesmo em meio a novas tecnologias.

"O convívio humano direto não foi abolido e não perdeu seu poder maior de consequência sobre a vida de cada um. Mas a TV é um mediador de parte significativa de nossas relações sociais." (PEREIRA JUNIOR, 2002, p.13) (2002).

3.3.1 A telenovela

Criada como forma de entretenimento para o público e como produto para uma empresa de comunicação, a telenovela evoluiu e evoluiu com o passar das décadas. Suas raízes se dão no rádio, outro veículo importante para a comunicação. Na década de 40 o rádio dava os seus primeiros passos e apenas pessoas de muitas posses podiam usufruir. Posteriormente foram surgindo as radionovelas. Ficções criadas através de um roteiro, materiais que faziam a sonoridade e efeitos. Com enredo mais infantil e curto, ela foi ganhando seu espaço. Na

década de 50, uma novidade abala as estruturas da comunicação e dos veículos em geral: um aparelho quadrado, totalmente pesado e estranho, invadia o Brasil, era a televisão. Que viria aperfeiçoar a arte de interpretar e criar histórias. Com influências americanas, a televisão e depois as telenovelas ainda engatinhavam. Segundo Daniel Filho (2001, p. 14):

Em princípio, o modelo da televisão brasileira foi o americano. Nisso, como em tantas outras coisas, começamos imitando os americanos, nossa influência mais forte. Os nossos primeiros produtores foram os Estados Unidos, fizeram cursos na CBS, na NBC, para aprender as técnicas e os procedimentos fundamentais, e os utilizaram para implantar a televisão no Brasil.

O conceito de telenovela está ligado ao entretenimento, pois em muitos países é um misto de cultura, literatura, música, arte, etc. Seu conceito se assemelha ao romance, que vai se desenrolando até chegar ao seu fim. Em seu início, na criação, as histórias eram curtas e o tempo de exibição com pouca duração. Para a palavra telenovela, temos vários significados ao longo dos tempos e idiomas de outros países. Para Campedelli (1986, p. 18) a novela possui nomenclatura reflexiva:

Semântica curiosa a da palavra novela: em vários idiomas significa “história curta” como atesta, por exemplo, o inglês (short story), o espanhol (novela curta) e mesmo em português, algo assim entre o romance e o conto – não tão longa quanto o romance nem tão curta como o conto – história usualmente curta, ordenada e completa, de fatos fictícios verossímeis.”

Conceitos ou semânticas à parte, fica claro que a definição tem sua falha, pois uma novela é traçada durante 8 a 9 meses; com várias histórias, estrutura de grande obra, cheia de enredos, assuntos sociais, protagonistas, antagonistas, coadjuvantes, etc.

A telenovela no Brasil conquistou ares de paixão nacional, assim como o futebol, ela têm o seu espaço nos corações brasileiros. São milhares e milhares de pessoas que vibram, se apaixonam, discutem e vivem a ficção. Como tal estrutura e modo de se fazer, o nome mais correto para esse romance seria “folhetim-eletrônico”. Nada mais é do que uma ficção especial, eletrônica, técnica, produtiva e opinativa. “Desenvolve segundo vários trancamentos dramáticos apresentados aos poucos – história parcelada. Tem universo pluriforme.” (CAMPEDELLI, 1986, p. 20).

Toda história que se preze, necessita de um começo, meio e fim. É o chamado processo folhetinesco. Para que uma trama dure o tempo necessário, é preciso se criar entraves, também processo do enquanto. Enrolar, demorar, complicar, com a promessa de se chegar ao fim e fechar o círculo fictício.

Ela passa por etapas desde a criação até a exibição. Para os autores não é uma construção fácil. Imagine que sua história tenha que ter 200 capítulos, chega-se aos 60 e não há mais o que escrever? É por isso que passa todo novelesco (autor) ao escrever sua telenovela. Na tarefa de auxiliá-los estão os co-autores ou colaboradores.

Os co-autores ou colaboradores devem “colher” materiais e criatividade em grande escala para levar a trama até o fim. “A apresentação das histórias é feita em progressão: sendo muitos plots entrelaçados, cada unidade tem aparentemente autonomia, sendo na verdade dependente de um conjunto que sempre avança no novelar, expõe-se paulatinamente.” (CAMPEDELLI, 1986, p. 22).

3.3.1.2 Ao longo dos anos... uma paixão nacional

Há 45 anos já completados, ia ao ar a primeira telenovela diária “2-5499 Ocupado” de Dulce Santucci, foi a primeira telenovela com atenção voltada para a escalação de um bom elenco, produção e qualidade. De lá pra cá, a telenovela foi passando por uma grande evolução. As tramas foram adaptando o cotidiano do brasileiro, e mostrando como o Brasil realmente é. Falando dessa paixão, que é a novela diária, é que traçamos sua evolução.

No começo, a telenovela era um produto sem muita pretensão. Devido à grande mudança que houve, do rádio para a TV, elas passaram a fazer parte do dia a dia do telespectador. Além de “2-5499 Ocupado” (a primeira exibida diariamente), outro grande dramalhão marcou época e fez sucesso: “Alma Cigana” (1964), adaptada por Ivani Ribeiro de um drama cubano, a história fez sucesso e consagrou Ana Rosa como grande estrela, vivendo as gêmeas Estela e Esmeralda.

Um pouco mais a frente, as emissoras perceberam que a telenovela estava entrando no roll das grandes paixões brasileiras, e passaram a investir cada vez mais no gênero. Nesta época tem destaque a cubana Glória Magadan. Com jeito próprio de escrever, e com estilos grandiosos, Glória não mostrava em suas tramas cenários brasileiros. Seu ponto alto era criar personagens estrangeiros, isto é, que vivam em outros países. Grandes histórias de amor eram narradas em países como o Marrocos, França, Espanha. Essas características fizeram da cubana, sucesso absoluto, mas não por muito tempo.

Anos mais tarde, o gênero Glória Magadan já estava desgastado, e surgiu a necessidade de mudar de narrativas, e também de estilo. Por que não uma telenovela tipicamente brasileira?. Novos autores vão surgindo e com isso tramas mais brasileiras e com

narrativas rápidas. “Beto Rockefeller” (1968) de Cássio Gabus Mendes se torna um sucesso e inova na TV brasileira.

No início dos anos 70, começa a tomar outros rumos e mostra o Brasil dentro do Brasil. Com tramas envolventes, cheias de paixão, suspense, intrigas e amores impossíveis, claro, sempre no Brasil, uma autora se destaca como primeiro time de autores da época. Janete Clair, que era discípula de Glória Magadan, reformulou tudo e deu novo gás às tramas. Duas tramas suas merecem destaque: “Irmãos Coragem” (1970) e “Selva de Pedra” (1972). Sucesso absoluto de audiência, as tramas conseguiram fazer com que o povo brasileiro se sentasse à frente da telinha (mesmo na ditadura) para ver o famoso milagre brasileiro, Na qual o bem vence o mal, e os protagonistas além de um final feliz, também terminam bem financeiramente.

Nunca uma década foi tão a cara do Brasil nas telenovelas como nos anos 80. Com autores cheios de ideologia e muita história pra contar, o Brasil passava por mudanças, tanto na política quanto nas telenovelas. A sátira, os questionamentos sociais e a luta por ideais fizeram das telenovelas dessa década as mais reflexivas e assistidas de todos os tempos. Nesta década destaques para as tramas: “Roque Santeiro” (1985) de Dias Gomes e “Vale Tudo” de Gilberto Braga (1988).

Já nos anos 90, outras emissoras entraram na guerra por pontos de audiência, e também abriram seus núcleos de teledramaturgia. Sorte dos telespectadores que podiam escolher ao seu gosto. Nesta briga muitas tramas se destacaram e concretizaram realmente a telenovela ao lado do futebol, uma paixão nacional. Destaques para as tramas: “Rainha da Sucata” (1990) de Silvio de Abreu, “Pedra sobre Pedra” (1992) de Aguinaldo Silva, “Quatro por Quatro” (1994) de Carlos Lombardi e “O Rei do Gado” (1996) de Benedito Ruy Barbosa.

Mesmo nos anos 2000, a briga por telespectadores, isto é, a audiência, não é deixada de lado. Pelo contrário esquentam-se mais as tramas com inovações e uma coisa fica em evidencia.

Nas novelas, ao longo de 45 anos, a narrativa se tornou cada vez mais complexa. Se antes era focada em uma trama central, hoje há uma rede de tramas paralelas. Com mais personagens, capítulos maiores e a tecnologia de alta definição exigindo um rigor estético ainda mais apurado, as etapas de produção tiveram de ser adaptadas. No entanto, apesar das mudanças pelas quais passou, a teledramaturgia manteve inabalável umas de suas principais características: a de ser uma grande agregadora social, trazendo sempre tramas que são discutidas com paixão pelas pessoas, em casa e nas ruas, relevando, assim, muito da identidade cultural brasileira. (REDE GLOBO DE TELEVISÃO, 2010, p. 4).

Cada autor tem seu estilo de escrever sua história. Glória Perez escreve sempre tramas com abordagens sociais e temas com outras culturas. Já Benedito Ruy Barbosa se destaca com

epopeias rurais carregadas de desencontros. Gilberto Braga é craque em tramas de suspense, com muito glamour, e intrigas. Manoel Carlos escreve sobre suas Helenas, com tramas leves, na qual retrata o cotidiano de qualquer pessoa, e normalmente o enredo urbanista se passa no Leblon.

No processo de linguagem, quem tem a ganhar são os telespectadores, seja na semântica coloquial ou culta. Em algum momento irá agradar o público heterogêneo. Segue os estilos de cada autor:

- Glória Perez: Temas sociais. Sempre relacionados aos assuntos do cotidiano. Impera bordões de outros países;
- Manoel Carlos: Prevaecem em suas histórias Helenas como protagonistas. Mulheres fortes, decididas, mas pecadoras;
- Benedito Ruy Barbosa: Destaque em seus trabalhos a linguagem tipicamente rural, ambientes do campo;
- Silvio de Abreu: Tramas cômicas, com a pergunta clichê “quem é o assassino?”;
- Gilberto Braga: Histórias que envolvem suspense, muita corrupção, intrigas e assassinatos;
- Aguinaldo Silva: Autor regionalista, com talento para o realismo fantástico;
- João Emanuel Carneiro: Estilo próprio, cria histórias mirabolantes e de muito suspense;
- Carlos Lombardi: Impera a comédia em suas tramas e histórias sempre cheias de muita sensualidade;
- Antonio Calmon: Possui criatividade para histórias caricatas, praianas e totalmente fictícias;
- Ana Maria Moretzsohn: Autora de histórias curtas e de suspense;
- Maria Adelaíde Amaral: Mestre em adaptar tramas que já foram sucessos (remakes).

A novela é tão importante que até hoje vem surgindo novos roteiristas. Recentemente, Íris Abravanel – esposa do empresário e apresentador Silvio Santos – se aventurou ao escrever a novela “Revelação” para o SBT. Algumas curiosidades:

- Não foi só a partir dos anos 90 que a audiência influenciava em uma novela. Em 1967, “Anastácia, a mulher sem destino”, não dava audiência e Glória Magadan passou o bastão para Janete Clair e deu a incumbência de salvar a telenovela para a autora. Vendo que as tramas paralelas estavam sem ritmo, Janete causou um terremoto na história e salvou somente quatro personagens. Desse modo, ela reescreveu a trama e deu consistência ao enredo.

- Apenas duas tramas até hoje alcançaram 100 pontos de audiência, foram elas: “Selva de Pedra” (1972) e “Roque Santeiro” (1985).
- Na trama de “A cabana do Pai Tomás” (1967) um fato ocorreu: o personagem principal era um negro, mas Sérgio Cardoso ficou com o personagem e era branco. A trama causou grande repercussão por terem que pintar o ator todos os dias para as gravações na época.
- “Duas Caras” (2007) teve seu último capítulo exibido num sábado, coisa rara nas tramas da Rede Globo de Televisão.
- Em 1996, na extinta Rede Manchete, Walcyr Carrasco estreava uma novela sua “Xica da Silva”, mas o curioso é que sob o pseudônimo de Adamo Angel.

3.3.2 A telenovela como forma de comunicação

3.3.2.1 Assuntos sociais

Uma obra ficcional televisiva influencia diretamente o orçamento financeiro da emissora e a vida dos brasileiros. Nem só de romances uma telenovela se sustenta, é preciso ter algo a mais, neste momento é que entra o papel social, provocando discussões através de assuntos polêmicos ligados ao dia a dia. Ao longo de várias décadas o brasileiro tem discutido em frente a telinha vários assuntos sociais e assim, possibilitando a comunicação.

Presente no dia a dia de muitas cidades, a violência é algo constante e saltou da realidade a ficção, ganhando às ruas do Leblon (rio de janeiro) durante a exibição de “Mulheres apaixonadas”, em 2003. A morte de Fernanda interpretada pela atriz Vanessa Gerbelli levantou a questão sobre a legalidade do uso de armas de fogo. Contribuindo para levar quatrocentas mil pessoas à passeata 'Brasil sem armas', em Copacabana.

Quebra de tabus: assuntos com relevância social são apresentados e o é tema cada vez mais comum nas ficções. Recentemente na novela “Ti Ti Ti” (2010), os personagens Tales e Julinho, interpretados por Armando Babaioff e André Artechí interpretaram um casal gay.

Ao falar da telenovela ou de qualquer outra mensagem divulgada, está-se referindo, portanto, ao seu conteúdo axiológico e compreende-se que se trata da sua forma de representar, justificando, as relações sociais. Esta forma de representar as relações sociais, justificando-as, consiste, conseqüentemente, na codificação ideológica. (A TELEVISÃO..., c2002).

3.3.2.2 A arte social e moderna de Glória Perez

Autora de tramas culturais e polêmicas, Glória Perez se firmou no meio da teledramaturgia como uma das melhores autoras de telenovelas de todos os tempos. Mestre na arte de inovar e criar discussões, a autora apresenta em suas tramas o “marketing social” juntamente com a “modernidade”.

Em 1990, Glória escreve “Barriga de Aluguel”, um enorme sucesso no horário das seis. Com um tema polêmico e ao mesmo tempo moda na época, Glória colocou no centro da história uma mãe que não conseguia ter filhos, Ana (Cássia Kiss). Querendo muito um filho, a moça resolve ouvir seu médico e decide fazer uma experiência: contratar uma barriga de aluguel e tentar gerar no útero de outra moça seu filho. A novela atinge seu ápice quando Clara (Cláudia Abreu), a mãe de aluguel, engravida na experiência, e passa a ter sentimentos quanto a gestação. Daí pra frente começa a briga, a criança nasce e vira alvo de uma disputa para saber quem fica com o bebê: a mãe de aluguel ou a mãe genética.

Em 1992, Glória Perez já era reconhecida realmente como a mestra na arte de criar tramas caprichadas, intrigantes e polêmicas. E é neste ano que a autora anuncia no horário nobre outra história que trouxe sucesso e foi sem querer a responsável pela maior tristeza do ano. Recheada com humor, polêmicas e entrecos sociais e modernos, Glória escreveu uma grande novela. Como narrativa principal, tínhamos a história de Diogo (Tarcísio Meira) e Betina (Bruna Lombardi). O casamento do juiz Diogo não ia muito bem e nesse meio tempo, ele acaba se envolvendo com outra mulher, Betina. Mas o destino havia pregado uma peça. Logo depois de ser abandonada pelo juiz, Betina acaba sofrendo um acidente e tem seu coração doado para outra mulher, Paloma (Cristiana Oliveira). Com muito remorso, Diogo acaba se aproximando de Paloma, acreditando estar ao lado de Betina de alguma maneira. É que entra o mais famoso marketing social da autora, “De Corpo e alma” conseguiu fazer com que o número de doações de órgãos aumentasse com a exibição da telenovela. Dentro e fora da obra uma tristeza acontece, o então ator, Guilherme de Pádua se encantou de corpo e alma pela atriz Daniela Perez (filha da autora), e acabou por assassinar a atriz no dia 28 de dezembro de 1992, chocando o Brasil.

A telenovela, como um produto da indústria cultural, difunde em seu enunciado a ideologia da emissora, idéias e valores para o enunciário, neste caso introduz-se o merchandising social. Provocar mudança de comportamento nos telespectadores é o objetivo do merchandising, no entanto o merchandising comercial direciona essa mudança para o consumo de produtos e o merchandising social para a incorporação de atitudes. (O “MECHANDISING NÃO SOCIAL”..., c2007).

Cinco anos depois, outra trama chega ao horário nobre; “Explode Coração”. Com uma história de costumes ciganos, modernidade (internet) e social (crianças desaparecidas), a telenovela registrou altos índices de audiência. A cigana Dara (Tereza Seiblitiz) conhece Júlio Falcão (Edson Celulari) por meio da internet e a partir daí o choque entre culturas acontece. O casal tem que lutar contra costumes para viver seu romance. Outro que ajudou a divulgar a internet, pouco conhecida no Brasil na época, era o tímido e inteligente Edu (Cássio Gabus Mendes), que na frente do computador conseguia deixar de ser tímido no bate-papo, mas pessoalmente era totalmente o oposto. O ponto alto da trama foi sem dúvida o marketing social referente às crianças desaparecidas. Odaísa (Isadora Ribeiro) tem seu filho Gugu (Luiz Cláudio) sequestrado, e desde então, vai ao encontro das mães da Cinelândia, no Rio de Janeiro. As aparições da atriz juntamente com verdadeiras mães que perderam seus filhos emocionou o Brasil, e com isso a telenovela ajudou a encontrar muitas crianças desaparecidas.

Mesmo com o ataque de 11 de setembro de 2001, Glória conseguiu levar sua nova história ao ar. No maior estilo épico, “O Clone” mostrou o universo árabe através da mulçumana Jade (Giovanna Antonelli), que enfrentou muitos abismos para viver seu amor ao lado do jovem, Lucas (Murilo Benício). Mas o grande momento da história é quando Lucas descobre que foi clonado e que seu outro “eu” também está apaixonado por Jade. Ética e religião foram discutidos, colocando o telespectador para refletir. A drogada Mel (Débora Falabella) chocou brasileiros ao mostrar seu vício e chegar a ponto de beber perfume para se sentir melhor.

A trama de “América” (2005) mostrou o universo dos rodeios e também causou discussões em seu início. Era discutido se os animais utilizados nessa prática eram machucados ou não. Em outro núcleo, vimos a luta dos deficientes visuais, Flor (Bruna Marquezine) e Jatobá (Marcos Frota) por seu espaço na sociedade. Como tema principal esta Sol (Deborah Secco), a protagonista brasileira que queria a toda custo chegar aos Estados Unidos e ter sucesso na América.

Sua última obra, “Caminho das Índias” (2009), mistura cultura indiana e ocidental e abordou a esquizofrenia através do personagem Tarso (Bruno Gagliasso). A história trilhou o sucesso, nos caminhos do social e cultural.

3.3.2.3 Tá na telinha, tá na moda!

Ninguém pode negar que toda novela deixa sua marca no ano em que vai ao ar. Mas e como saber se a trama está sendo realmente um sucesso? Além dos excelentes pontos de

audiência, é preciso verificar se a moda usada pelos personagens fez a cabeça e ditou tendências para os telespectadores. A partir disso, tudo é copiado: cabelo, roupa, maquiagem e até mesmo acessórios. Fique sempre atento, se tá na telinha, tá na moda.

Em 1978, as meias de luréx em “Dancin’ Days”, de Gilberto Braga viraram febre. O sucesso no final da década eram as discotecas e embalavam as tendências do momento. Na discoteca da novela, a moda era dançar com sandália de salto alto usando meias coloridas de lurex, como fez a personagem Júlia Matos (Sônia Braga) ao longo da telenovela.

O visual meio roqueira e ao mesmo tempo de vampira de Natasha (Cláudia Ohana) em “Vamp” (1991) caiu nas graças dos adolescentes rapidamente assim que a novela começou a ser exibida. As roupas escuras, maquiagem carregada, colares de caveira ou crucifixo e até mesmo o esmalte em tom escuro foram imediatamente copiados pelo público adolescente.

Durante a exibição de “Fera Ferida” (1993), Raimundo Flamel (Edson Celulari) ditou moda ao utilizar as camisas sem gola. O sucesso foi rapidamente assimilado pelo público masculino. As camisas apareceram nas vitrines das lojas e fazem sucesso até hoje.

Em 2003, Deborah Secco interpretou a manicure ambiciosa e suburbana Darlene, em “Celebridade”. Sem juízo, a personagem queria a todo custo ser famosa. Cômica, a personagem chamou a atenção pelas microssaias jeans pregueadas, copiadas rapidamente pelas mulheres.

Mestra na arte de criar tramas sociais e que falam de culturas diferentes, Glória Perez apresentou durante os anos de 2001 e 2009 duas histórias com tramas parecidas, mas com acessórios e roupas que enlouqueceram as mulheres. Na novela “O Clone” (2001), a moda foi a maquiagem utilizada pela personagem Jade (Giovanna Antonelli). Destaque para a maquiagem de seus olhos. Já em 2009, as brasileiras foram a loucura com a novela “Caminhos das índias”. Na maquiagem muito Kajal, delineador, lápis de olho, e rímel para marcar bem os olhos. No guarda-roupa indiano, batas, cores fortes e bem coloridas. Tudo foi copiado, até mesmo os sáris, a veste típica da Índia.

A produção nacional de telenovelas é hoje mundialmente reconhecida e tornou-se referência para os executivos de televisão em outros países. Não demorou nada para se perceber que a telenovela poderia render muito mais, fazendo a larga audiência obtida consumir os produtos do patrocinador. Isso começou acontecer quando a propaganda deixou de ocupar os intervalos e entrou na novela: merchandising. (ALENCAR, 2002, p. 99).

3.3.2.4 O Realismo fantástico

Autores como Dias Gomes, Aguinaldo Silva e Ricardo Linhares possuem estilos próprios de escrever, e a este estilo se dá o nome de “realismo fantástico”. Histórias maravilhosas em que coisas espetaculares e mágicas aconteciam. Este recurso passou a ser muito explorado e recorrentes. Alguns exemplos:

Grande sucesso de nossa teledramaturgia, “Roque Santeiro” (1985) foi escrita por Aguinaldo Silva e Dias Gomes e tinha a presença do realismo fantástico na existência do Lobisomem. Uma figura estranha que perseguia as mulheres na noite de lua cheia na fictícia cidade de Asa Branca.

Baseada na obra de Jorge Amado, “Tieta” (1989) de Aguinaldo Silva possuía a presença do mito da mulher de branco. Uma mulher vestida como tal que atacava os homens da cidade de Santana do Agreste.

Em “Pedra sobre Pedra” (1992) também de Aguinaldo Silva, o realismo fantástico imperou como nunca. Prova disso eram as histórias de Jorge Tadeu (Fábio Jr.), um fotógrafo que enlouqueceu as mulheres de Resplendor com uma flor. A loucura só acontecia quando as mulheres comiam a famosa flor do personagem. Além dos personagens Sérgio Cabeleira (Osmar Prado), um homem que sempre foi atraído pela lua, sendo inclusive puxado por ela. E não podemos esquecer de Dona Quirina (Miriam Pires), uma mulher com 120 anos de idade, mas com memória de 20. “A rivalidade entre duas famílias no sertão baiano movia a trama, que era repleta de elementos do realismo fantástico”. (REDE GLOBO DE TELEVISÃO, 2010, p 158).

“Fera Ferida” (1993) encantou ao mostrar o realismo na história de Raimundo Flamel (Edson Celulari), um alquimista que foi capaz de transformar ossos humanos em ouro. Na personagem Camila (Claudia Ohana) que dormia anos a fio. No coveiro Orestes (Cláudio Marzo) que jurava conversar com os mortos. E também nas cenas de amor de Demóstenes (José Wilker) e Rubra Rosa (Suzana Vieira) que inflamava tudo em volta dos dois. Uma novela de Aguinaldo Silva.

De Dias Gomes, a mininovela “O fim do mundo” (1996) mostrou os momentos finais de seus personagens na chegada do fim dos dias. Como realismo fantástico estava a presença de mula sem cabeça, chuva de fezes e fatos bíblicos acontecendo. Em Greenville, na novela “A Indomada” (1997), tudo podia acontecer. Como foi o caso do delegado Motinha (José de Abreu) que ao cair em buraco na cidade foi parar no Japão. Na representação bizarra do personagem cadeirudo, um ser estranho que atacava as moçoilas da cidade. Além das luas

cheias duplas que aconteciam e da morte da vilã, Maria Altiva (Eva Wilma) que jurou voltar em forma de fumaça. De Aguinaldo Silva.

No ano de 1998, Ricardo Linhares escreveu “Meu bem querer”, que também não fugia à regra. A novela tinha a presença deste recurso nas histórias de Custódia (Marília Pêra), uma personagem que há anos não sai de casa e que todos da cidade de São Tomás de Trás acreditavam ser um fantasma. Além do quarto proibido, um quarto na casa de Custódia que no final da trama acaba-se descobrindo que ela guardava um caixão de vidro com o corpo embalsamado do marido. Já em “Suave Veneno” (1999), os destaques ficaram pelo confronto entre o paranormal Uálber (Diogo Vilela) e o diabo, Marcelo Barone (Fúlvio Stefanini). O encontro dos dois chegou a provocar um abalo no edifício Bege-Bahia, local onde os personagens moravam e também na figura de Carlota Valdez (Betty faria) que praticava o ato sexual denominado “INOMINÁVEL” com Álvaro Figueira (Kadu Moliterno).

Yemanjá deu seu realismo ao salvar e proteger por vezes o protagonista da história, Guma (Marcos Palmeira), o pescador da trama, em “Porto dos milagres” (2001).

3.3.2.5 Adaptações literárias

As obras literárias são conhecidas do grande público, já foram lidas por milhares e milhares de pessoas e se tornaram verdadeiros sucessos em suas adaptações para a TV. São importantes em qualquer época, é a cultura, a beleza e o encanto das adaptações.

Em 1990, “Riacho doce”, de José Lins do Rêgo contava a história de amor quase impossível, um clima de romance que aconteceu na paradisíaca vila de Riacho Doce. Na minissérie adaptada por Aguinaldo Silva, o amor de Nô (Carlos Alberto Riccelli) e Eduarda (Vera Fischer) passou por vários obstáculos para acontecer, principalmente da avó de Nô, a bruxa e malvada Vó Manuela (Fernanda Montenegro). “Fernando de Noronha, em Pernambuco, serviu de cenário para a adaptação da obra do escritor José Lins do Rêgo”. (REDE GLOBO DE TELEVISÃO, 2010, p. 271).

A trajetória de Tereza Batista, desde menina, dos 13 anos até se tornar cantora de cabaré. Tereza foi interpretada por Patrícia França e foi outra personagem forte do universo de Jorge Amado em “Teresa Batista cansada de guerra” (1991). Vendida pela tia aos 13 anos para um homem violento, Tereza Batista acabou matando seu dono e indo parar na cadeia. Depois de solta, vai parar num cabaré, onde se tornou cantora.

A polêmica história de Nelson Rodrigues, “Engraçadinha, seus amores e seu pecados” fez sucesso em 1995. A história narrava as peripécias da foga e encantadora Engraçadinha

jovem e adulta (Alessandra Negrini e Claudia Raia respectivamente). A minissérie marcou pelas cenas de nudez.

Uma mulher dividida entre dois homens. Flor (Giulia Gam) era casada com o fogoso e mulherengo Vadinho (Edson Celulari), mas por uma fatalidade, seu companheiro acabou morrendo. Tempos depois, Flor conhece Teodoro (Marco Nanini), um homem bom e oposto de Vadinho, e decidiu se casar com ele. O que ela não esperava é que Vadinho voltasse do além e viesse atormentá-la. Flor acabava por dormir com o morto-vivo Vadinho e continuava casada com o bom-moço Teodoro. “Dona Flor e seus dois maridos”, é de Jorge Amado e foi exibida em 1998.

“Hilda Furacão” de Roberto Drummond (1998) conta a história de uma moça rica, que sofre uma desilusão amorosa muito forte, e resolve mudar drasticamente sua vida. Essa era Hilda, uma moça de família que abandona o noivado, a família e decidir se mudar para a zona boêmia de Belo Horizonte. Lá Hilda deixa de ser a moça ingênua e rica e passa a ser a prostituta de luxo, Hilda Furacão.

Dois irmãos que acabaram se apaixonando e praticam o incesto. Isso era o fio condutor da obra do português, Eça de Queiróz. Carlos Eduardo (Fábio Assunção) e Maria Eduarda (Ana Paula Arósio) cresceram longe um do outro, Carlos com o pai e avô e a Maria com a mãe. Anos mais tarde, o destino acabou por unir os dois da maneira mais romântica e trágica que poderia acontecer. A história pertence ao livro “Os Maias”, de Eça de Queiróz (2000).

O início da construção e da povoação da cidade de São Paulo. “A Muralha” de Dinah Silveira de Queiróz (2000) mostrava a chegada dos portugueses na até então, Vila de São Paulo de Piratininga. A trama focou na chegada da linda portuguesa Beatriz (Leandra Leal) que teve que atravessar a enorme muralha de serra e mato que separava o mar até a vila para viver seu amor com o primo prometido.

Baseada em fatos reais, a minissérie “Mad Maria” de Márcio Souza (2005), contou a história da construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré, construída pelo americano Percival Farquhar no coração da floresta Amazônia. A minissérie ainda mostrou a luta e dificuldade dos trabalhadores em erguer a estrada no meio do nada.

3.3.2.6 Retratos de um Brasil: o passado nas novelas

Nosso país já viveu lindas eras, momentos históricos e emocionantes, cheios de conflitos, guerras, lindas histórias, momentos de evolução e desenvolvimento social, econômico e político. E foram através de novelas que muitas gerações puderam rever uma época que já viveram ou então conhecer contextos históricos que não presenciaram.

A construção de São Paulo em meados de 1600. São Paulo ainda se chamava Vila de São de Piratininga na história de “A Muralha” (2000). Para chegar até essa vila, os personagens tinham que atravessar uma verdadeira muralha, uma enorme montanha, uma verdadeira selva que encobria a Vila.

No século XIX no Brasil, a escravidão ainda predominava por essa terra, e “Força de um desejo” (1999) mostrou com perfeição uma época sombria do Brasil. Como protagonistas estavam a cortesã Ester Delamare (Malu Mader), o Barão Henrique Sobral (Reginaldo Faria), o mascate Higino Ventura (Paulo Betti) e a escrava branca Olívia (Cláudia Abreu).

“Sinhá Moça” (2006) foi uma belíssima novela que retratou os momentos finais da escravidão até a chegada da lei áurea em 1886. Como protagonista estava a doce, meiga e determinada Sinhá Moça (Débora Falabella). Uma moça que era abolicionista e enfrentava com todas as suas forças seu pai, o rico e dono de escravos, Barão de Araruna (Osmar Prado).

Uma guerra que durou 10 anos e que aconteceu no sul do Brasil. Essa foi a história contada na minissérie “A Casa das sete mulheres” (2003). Lá por 1830, a guerra dos farroupilhas estourou contra o império de Pedro I e tinha como líder, o conhecido gaúcho Bento Gonçalves (Werner Schünemann) e seu fiel ajudante italiano, Giuseppe Garibaldi (Thiago Lacerda). A chegada de imigrantes italianos ao Brasil entre as décadas de 10 e 20. Essa era a história de “Anarquistas, graças a Deus” (1984). Como plano central havia uma vila de Anarquistas que acompanhava o crescimento da cidade de São Paulo nessas décadas. Baseada no livro de Zélia Gattai, a minissérie narrava a vida da autora desde pequena até a fase adulta.

A era de rádio foi a grande beleza mostrada na minissérie “Aquarela do Brasil” (2000). No centro estava a humilde e talentosa Isa Falcão (Maria Fernanda Cândido), uma moça forte e decidida da década de 40 que batalhou e chegou a ser conhecida como uma famosa cantora popular do rádio.

Os lindos anos da década de 50, a beleza dos bailes, o glamour das roupas, o romantismo dos casais dessa época estavam em contraste com a repressão, os preconceitos e a

ditadura dos bons costumes que toda família devia ter. Em uma perfeita constituição do Rio de Janeiro nesta época, a minissérie “Anos dourados” (1986) de Gilberto Braga contou a história de amor de Lurdinha (Malu Mader) e Marcos (Felipe Camargo).

Os momentos finais de um dos maiores presidentes do Brasil. Esse foi o tema central da minissérie “Agosto” (1993). Reconstituindo perfeitamente o mês de agosto de 1954, a minissérie mostrou para o telespectador como foi a era Getúlio Vargas, chegando a seu último capítulo com o suicídio de Getúlio.

Já em 1992, mais uma vez Gilberto Braga mostrava um pedaço do Brasil na telinha. Com a minissérie “Anos Rebeldes”, o brasileiro pode lembrar ou então conhecer uma época de total regime militar na qual o Brasil passava nos anos 60 e 70. No centro, toda a confusão da guerra que o regime militar causava estava o casal João Alfredo (Cássio Gabus Mendes) e Maria Lúcia (Malu Mader).

No final dos anos 70 a febre das discotecas era o que reinava no Rio de Janeiro. Aproveitando este momento, o autor Gilberto escreveria aquela que seria um dos seus grandes sucessos, “Dancin´Days” (1978). Na história central estava Júlia Matos (Sônia Braga), um ex-detenta que tenta recuperar o amor de filha após anos sem vê-la. Júlia em alguns momentos se entregava a pista de dança na discoteca da novela. Esta novela propagou a moda das meias luréx, utilizada pela atriz na discoteca.

A trama tirou partido de *Os embalos de sábado à noite*, filme de John Badham estrelado por John Travolta que levou milhões de espectadores ao cinema e impulsionou o sucesso das discotecas em todo o mundo. À época, fazia sucesso no Rio de Janeiro a discoteca fundada pelo jornalista e produtor musical Nelson Motta, que assinou, com Ruban, a música de abertura, “Dancin Days”, interpretada pelas Frenéticas e um estouro nas rádios e discotecas de todo o país. (REDE GLOBO DE TELEVISÃO, 2010, p. 95).

3.3.2.7 Na trilha do sucesso

No início dos anos 60 a novela, uma obra de sucesso, deixa de ser transmitida pelas rádios e ganha espaço em um novo aparelho que veio a ser tornar o companheiro de todos os brasileiros: a televisão. Com isso, surge a telenovela. Um gênero ficcional que conquista todo o Brasil. No final da década de 60 para aproximar ainda mais a telenovela dos telespectadores que a assiste é feito um casamento eterno e com completo sucesso; a trilha sonora. O efeito bem-amarrado de um romance novelístico com uma música de fundo se fundiu tanto que foram criadas as trilhas sonoras compostas para embalar personagens. Mas esse casamento tão perfeito não parou por aí, dos anos 70 em diante o brasileiro passou a ter em seu dia a dia as

músicas que trilharam a vida de tantos personagens e por que não as suas vidas também. O grande estouro de trilhas sonoras de novelas aconteceu com os vinis e chegou ao seu ápice na modernidade dos CDs, nos anos 90.

Nos anos 70, muitas trilhas sonoras eram compostas especialmente para a novela, mas não só isso, em algumas vezes suas capas eram estampadas com imagens belíssimas de suas aberturas e em outras tínhamos a representação perfeita do nome da novela. Como é o caso de uma novela de Janete Clair, que mostrava as bravuras de heroísmos de uma família chega de coragem.

Irmãos Coragem (1970): A letra da principal música da novela, “Irmãos Coragem”, foi guardada até o capítulo 12. Antes disso, usou-se a apenas a melodia em arranjo instrumental. Na cena em que João (Tarcísio Meira) finalmente acha o diamante, entrou no ar a potente voz do cantor Jair Rodrigues: “Irmão, é preciso coragem!”. (REDE GLOBO DE TELEVISÃO, 2010, p. 26).

Exemplos claros disso são as trilhas sonoras das novelas:

- Selva de Pedra Nacional: Na capa vemos a figura da cabeça de um homem feito de aço, provavelmente representando Cristiano (Francisco Cuoco), que passou por muitos obstáculos durante a novela. Enfim, é a representação da rigidez, da dureza de ser viver na loucura que é a cidade.
- E o que dizer então da capa de Anjo Mau Nacional? Nela vemos o slogan da novela e sem dúvida a grande representação da Babá Má Nice (Suzana Vieira): um carrinho de bebê.

Nos anos 80, as capas engraçadas imperaram e se tornaram marcantes para sempre. Sem dúvida a trilha sonora que marcou como a capa mais engraça é “De Quina pra Lua Internacional”. Nela temos literalmente uma moça agachada na areia da praia, olhando para o sol e de quina para o lado da lua. Outra capa também muito cômica é na trilha internacional de “Sol de Verão”. Nela vemos uma moça demonstrando todo o calor do verão e em suas mãos um pote de sorvete. Sua marca? Sem nome.

“Brega & Chique” entrou para história ao mostrar em sua abertura um ator completamente nu ao som da música “Pelado” do Ultraje a Rigor. A novela foi um sucesso e em sua capa internacional, temos o ator da abertura, Vinicius Manne, em uma pose inusitada. Em “Livre para Voar Internacional” temos na capa uma moça voando, linda, em um céu noturno, mostrando realmente o nome da novela. Mas a grande campeã em estampar capas de trilhas sonoras é Claudia Raia. Em duas décadas de sucesso, a atriz foi capa das novelas:

Sassaricando Internacional, Rainha da Sucata Nacional, Deus nos Acuda Nacional, Torre de Babel Nacional, Engraçadinha, O Beijo do Vampiro Internacional, Belíssima Internacional, e A Favorita Nacional. Já o campeão é Edson Celulari. Assim como sua esposa, o bauruense também esteve presente em capas dos anos 80, 90 e 2000. São elas: Cambalacho Internacional (ao lado da atriz Débora Bloch), Deus nos Acuda Internacional, Torre de Babel Internacional e Beleza Pura Nacional.

Em termos de sucesso apenas duas trilhas sonoras conseguiram a façanha de vender 1 milhão de cópias. Por incrível que pareça, as novelas eram sucessos de audiência. Foram elas: “Dancin’Days Internacional” e “O Rei do Gado Nacional”. As trilhas sonoras são feitas de muitas curiosidades também:

- A primeira trilha sonora lançada em cd duplo foi “Mulheres Apaixonadas” em 2003;
- Em 1990, na novela “Araponga”, a modelo e então atriz estampou as capas Nacional e Internacional da novela;
- Em “Baila Comigo Internacional”, os atores Reginaldo Faria e Natália do Valle estampam a capa como um lindo casal, mas na novela não chegaram a ser um par romântico;
- A primeira trilha sonora a possuir um encarte foi “Terra Nostra”;
- “Desejos de Mulher Internacional” foi a primeira capa a ter votação no site da novela para escolher as melhores fotos de Eduardo Moscovis e vir com três tipos de capas.

3.3.2.8 Trilhas sonoras: no som da MPB

Desde 1969, novela e música iniciaram um casamento feliz e duradouro. É através das ações dos personagens, das aberturas, das emoções, que as músicas se destacam e se tornam inesquecíveis. Confira as tramas que foram embaladas pelas grandes canções e cantores da Música Popular Brasileira.

Sucesso de Gilberto Braga no horário das 10 da noite, “Anos Rebeldes” (1992) contava os anos de chumbo da ditadura através de personagens como Maria Lúcia (Malu Mader) e João Alfredo (Cássio Gabus Mendes). Na abertura da minissérie estava a contagiante e marcante “Alegria Alegria” de Caetano Veloso. Ainda na trilha destaques para as músicas “Baby” de Gal Costa e Caetano Veloso, “Carta ao Tom” com Toquinho e Vinícius e “Mascarada” com Emílio Santiago.

O mito da beleza discutido em pleno horário da oito da noite. Silvio de Abreu discutiu

o mundo da moda, a beleza exterior e interior através de personagens como Júlia Assumpção (Glória Pires), Nikos Petrakis (Tony Ramos) e Érica (Letícia Birkheuer) na novela “Belíssima” (2006). Embalando a trama destaque para as músicas: “Feliz” com Maria Rita, “Encantado” – Maria Bethânia e “Você é linda” com Caetano Veloso em sua abertura.

Os 15 minutos de fama, dinheiro, poder, a vida de celebridades. Tudo isso envolvia a história eletrizante de Gilberto Braga, em “Celebridade” (2003). Para acompanhar a dura vida da promoter Maria Clara Diniz (Malu Mader) e da alpinista social Laura Prudente da Costa (Cláudia Abreu) nada melhor que esses grandes sucessos da MPB: “O que tinha de ser” – Maria Bethânia, “Encostar na tua” – Ana Carolina e “Com que roupa” – Gilberto Gil.

A história da musicista revolucionária não poderia ficar de fora. “Chiquinha Gonzaga” (1998) foi exibida a toque de caixa, tendo em sua trilha sonora as composições da musicista cantadas pelos grandes cantores do Brasil. Destacamos “Lua Branca” com Joanna, “A Brasileira” – Adriana Calcanhoto e “Namorados da lua” com Milton Nascimento.

Ao final de cada capítulo, renomados cantores interpretavam canções de Chiquinha Gonzaga, entre elas “Machuca” (Daniela Mercury), “A brasileira” (Adriana Calcanhoto), “Maxixe da Zeferina” (Beth Carvalho) e “Namorados da lua” (Milton Nascimento). Clara Sverner e Leandro Braga acompanhavam ao piano. (GUIA ILUSTRADO, 2010, p. 287).

Já em “Desejos de mulher” (2002), o mundo da mulher, da moda, a mulher e seus desejos em diversas idades foram os temas centrais. Euclides Marinho contou nesta trama a história de brigas e disputadas entre a estilista Andréa Vargas (Regina Duarte) e sua irmã jornalista Júlia Moreno (Glória Pires). Trama embalada por sucessos como “A sua” de Marisa Monte, “Muito estranho” – Simone e “Façamos” com Chico Buarque e Elza Soares.

Em “Felicidade” (1991), foi contada a história de amor da segunda Helena de Manoel Carlos. Helena (Maitê Proença) sofreu para viver seu amor com Álvaro (Tony) e ainda teve que aturar as vilanices de Débora (Vivianne Pasmanter). Em sua trilha sonora, lindas músicas como “Começo, meio e fim” de Roupas Nova, “Velho arvoredo” com Elis Regina e “Meu ninho” – Bete Guedes.

Para comemorar os 10 anos de existência da Rede Globo, foi escrita para ir ao ar a novela “Gabriela” (1975), inspirada na obra de Jorge Amado, com personagens inesquecíveis e músicas memoráveis. No centro estava a moleca e brejeira Gabriela (Sônia Braga). Destaque para as músicas: “Coração ateu” – Maria Bethânia, “Alegre menina” com Djavan e “Modinha para Gabriela na voz de Gal Costa em sua abertura.

Admirador da boa música, escritor de histórias lindas, românticas e fortes, Manoel

Carlos na década de 2000 criou personagens e novelas sempre marcantes, e suas trilhas são sempre compostas por músicas de Tom Jobim. Segundo o autor, isso se deve ao fato de sempre admirar esses fabulosos cantores. Confira as tramas:

- Laços de Família – 2000: em sua abertura tínhamos “Corcovado” com Astrud Gilberto, Tom Jobim, João Gilberto e Stan Getz;
- Mulheres Apaixonadas – 2003: outra trama cuja abertura tinha a lindíssima “Pela luz dos olhos teus” com Tom Jobim e Miucha;
- Páginas da vida – 2006: mais uma vez uma trama marcante e música inesquecível com “Wave” na voz de Daniel Jobim e Luiz Jobim;
- Viver a vida – 2009: Marcou pela leveza na abertura com a música “Sei lá, a vida tem sempre razão” com Tom Jobim, Miucha e Chico Buarque.

3.3.2.9 Quem matou quem? O verdadeiro assassino

Muitas novelas para prenderem a atenção de seus telespectadores ou para causar o clímax da novela, usam uma fórmula antiga no meio televisivo, uma fórmula que já virou clichê em novelas. Quem matou tal personagem? Joga-se essa pergunta para o telespectador e se mobiliza durante dias as apostas em torno da resposta. Foram muitos os exemplos que invadiram as mentes dos telespectadores, são os questionamentos mais marcantes na memória do povo.

- Quem matou Salomão Hayala? Durante sua exibição em 1977 para 1978, a novela “O Astro” mobilizou o país em torno dessa pergunta. Quem realmente teria matado o personagem de Dionísio Azevedo? A dúvida gerou apostas durante 5 meses e no dia 08/07/1978 o assassino foi revelado. Felipe (Edwin Luisi);
- Quem matou Lineu Vasconcelos? O personagem rico e empresário de Hugo Carvana em “Celebridade” (2003) foi assassinado também e parou o Brasil para ser alvo de apostas sobre seu assassino. Foram dias de dúvidas até o autor Gilberto Braga em 26/06/2004 revelar a face do verdadeiro assassino. Laura Prudente da Costa (Cláudia Abreu);

- Quem está falando a verdade? Quem matou Marcelo Fontini? “A Favorita” (2008) começou com o jogo da dúvida logo em seus primeiros capítulos. Quem teria matado Marcelo Fontini (Flávio Tolezani) anos atrás? Flora (Patricia Pillar), amante da vítima, a que dizem ser a culpada e que foi parar na cadeia por causa disso e depois de anos saí da prisão com a firme decisão de provar sua inocência ou Donatela (Claudia Raia), a então esposa de Marcelo na época? Mas o que ninguém esperava era que o autor João Emanuel Carneiro revelasse no meio da novela a verdadeira assassina no dia 05/08/2008. Flora Pereira da Silva (Patricia Pillar);
- Quem matou o Barão Henrique Sobral? Na novela de época, “Força de um desejo” (1999) de Gilberto Braga, o clichê quem matou também foi utilizado e serviu pra segurar os telespectadores com o suspense de quem havia matado o Barão Henrique Sobral (Reginaldo Faria) a tiro à queima roupa. Em seu último capítulo (29/01/2000) também tivemos a reposta com muita criatividade. Assassina: Bárbara Ventura (Denise Del Vecchio);
- Quem matou Taís, a vilã gêmea? “Paraíso Tropical” provocou comoção no público para saber quem tinha matada a vilãzinha carioca, Taís (Alessandra Negrini). Durante alguns dias ela foi alvo de apostas por muita gente. Ao descobrir que a vilã sabia demais sobre suas falcatruas, Olavo (Wagner Moura) acabou por matar Taís no último capítulo, exibido dia 29/09/2007;
- Quem era o assassino do opala preto? A intrigante “A Próxima Vítima” de Silvio de Abreu levou o público ao longo de 8 meses a tentar descobrir quem era o assassino em série do opala preto que se baseava no horóscopo chinês para matar. O grande final: em seu último capítulo exibido, em 04/11/1995, o assassino foi revelado na sala da família Ferreto para todo o Brasil. Era nada mais nada menos que Adalberto (Cecil Thiré):

Suspense, traições e romances davam o tom da novela, cuja espinha dorsal era central em três perguntas: “quem matou?”, “quem será a próxima vítima?”, “por quê?”. Ao longo da história, 11 personagens são assassinados. Um opala preto, que segue as vítimas, é o único indício de que o assassino está por perto. (REDE GLOBO DE TELEVISÃO, 2010, p. 170).
- Quem explodiu o shopping? “Torre de Babel” trouxe uma pergunta diferente ao público. Tendo o Shopping Tropical Tower como personagem importante, a grande pergunta ficou em saber quem tinha explodido a propriedade da família Toledo. Na

sala da mesma família se descobre no último capítulo (16/01/1999) o verdadeiro culpado. Sandrinha (Adriana Esteves), a espevitada garçõete.

3.3.2.10 ... e viveram felizes para sempre.

Durante oito a nove meses, acompanhamos em uma telenovela destinos, personagens que correm atrás da sua felicidade, que traem, que lutam e curtem a vida.

São momentos emocionantes que ficam guardados nas lembranças dos telespectadores para sempre, e com certeza esse momento emocionante vai ao ápice com o último capítulo da trama... Onde os mocinhos se acertam, os vilões pagam por seus crimes, e o clima de casamento e de festa impera.

Em 8 de fevereiro de 1992, o sucesso de Antonio Calmon, “Vamp”, chegava ao fim. Com uma trama envolvente, cheia de vampiros, muito rock e com um lado super cômico, a história trazia como protagonista a vampira Natasha (Cláudia Ohana), que acabou vendendo sua alma para Vlad (Ney Latorraca) em troca do sucesso como cantora de rock. Como acabou arrependida de tudo, Natasha se refugiou em Armação dos anjos e passou a procurar pela cruz de São Sebastião, a única coisa capaz de deter Vlad. No último capítulo da trama, vemos Natasha conseguindo a cruz e enterrando Vlad de vez. Livre do vilão e tendo sua liberdade de volta, vemos Natasha conseguindo o que ela mais queria: o sucesso. Em um megashow a cantora canta “Sympathy for de Devil” e arrasa. Logo após isso, é apresentado em forma de desenho, a imagem de todos os atores com seus respectivos nomes ao som da música “Felicidade urgente” de Elba Ramalho. Para fechar com chave ouro o capítulo foi mostrado o cemitério de Armação dos anjos indo literalmente pros ares e nisso Vlad aparece dizendo: eu voltareiiiiiiiii!

A novela espírita de Ivani Ribeiro, “A Viagem” emocionou o Brasil, e teve seu fim no dia 22 de outubro de 1994. Na história vimos o amor transcendental de Dinah (Christiane Torloni) e Otávio Jordão (Antonio Fagundes), e também o drama que Dinah viveu com seu irmão Alexandre (Guilherme Fontes). Se tornando um espírito vingativo, o rapaz conseguiu matar o advogado Otávio Jordão e ainda infernizou a vida de seus parentes e de sua namorada, Lisa (Andréa Beltrão). No último capítulo a redenção e o amor infinito prevaleceram. Alexandre decidiu reencarnar como filho de sua ex-namorada, a Lisa. “Guilherme Fontes: no capítulos finais, Alexandre se arrepende de suas maldades e decide pedir perdão ao homem que matou.” (REDE GLOBO DE TELEVISÃO, 2010, p. 167).

Depois de consegui levar Alexandre para a luz, finalmente, Dinah e Otávio se fundem em um só corpo celeste e seguem para a morada de Deus. Durante essa fusão um narrador lê para o telespectador um lindo poema que fecha o objetivo da novela: mostrar os princípios do espiritualismo. O poema:

Hoje, de algum lugar longe dessas terras
 Há um doce olhar só pra você
 Um olhar especial
 De alguém especial, de distantes origens
 Um olhar de um justo coração que pulsa só a vida
 Que sorri porque ama plenamente
 Sem julgamentos, preconceitos nem prisões
 Hoje, como ontem, longe desses céus
 Há um encantador olhar só pra você
 Nesse olhar vai para você a magia da luz
 A simplicidade do perdão
 A força para comungar com a vida
 A esperança de dias mais radiantes de paz
 Hoje, de algum lugar dentro de você,
 Alguém que já o amou muito e ainda o ama
 Diz para você que valeu a pena ter estado nessas terras...
 Sob estes céus...
 Falando de união, paz, amor e perdão
 Poder sentir a força que faz você sorrir
 E continuar o caminho
 Que um dia aquele doce olhar iniciou pra você
 Tudo isso, só para você saber que
 A vida continua...
 E a morte é apenas uma viagem!

Novela de Silvio de Abreu, “A próxima vítima” (1995) marcou pela grande intriga: quem é o assassino do opala preto? O assassino tinha um esquema: matava suas vítimas baseado no horóscopo chinês. No dia 4 de novembro o Brasil parou, e na sala da família Ferreto o assassino foi revelado. Ele era Adalberto (Cecil Thiré). Ele tinha ligação com todos que foram mortos. Mas a história não terminou, numa participação especial, durante uma festa, Claudia Raia é assassinada num jardim, dando a entender que o assassino talvez ainda esteja a solta.

Depois de sofrer muito com as armações de Paula (Carolina Ferraz), para separá-la de Carlos (José Mayer), Helena teve finalmente no dia 2 de março de 1996 o seu final feliz em “História de amor”. Com uma trama linda e muito romântica, Manoel Carlos, apresentou uma novela ao seu estilo, prezando o amor. Helena, como todas as suas protagonistas, se dedicava à filha Joyce (Carla Marins), uma garota rebelde, que acabou engravidando e dando muito trabalho para a mãe. Depois de muitos percalços, Helena conseguiu no último capítulo juntar

sua filha com o pai de seu neto, Caio (Ângelo Paes Leme). Numa cena pra lá de inusitada, vemos Carlos (José Mayer) e Helena dentro de um carro conversando apaixonados. Um pouco a frente Carlos para seu carro devido a uma aglomeração logo a frente. Helena curiosa, abaixa o vidro de seu lado e pergunta para alguém na rua o que está acontecendo. O rapaz muito gentil diz: gravação de novela. Vemos os dois rindo dentro do carro ainda mais apaixonados.

Maria Adelaide Amaral encerrou no dia 28 de março de 1998 seu brilhante remake de “Anjo Mau”. No último capítulo da trama, vimos que a babá má, Nice (Glória Pires) sobreviveu ao parto de seu filho e voltou linda e triunfante para a casa dos Medeiros, seu marido Rodrigo, a aguardou ansiosamente. A vilã Paula (Alessandra Negrini) amargou sem seu amor para sempre. Ainda na mansão do Medeiros, surge uma nova babá: Susana Vieira. Para homenagear a atriz que fez Nice na primeira versão da trama, a autora colocou a atriz como babá da nova família. Na última cena, vimos Rodrigo e Nice viajando juntos num avião, rumo ao amor dos dois, tudo isso brindando com champanhe.

“Por amor” (1998) foi mais uma trama de Manoel Carlos que ficou para sempre na memória do povo brasileiro. No último capítulo levado ao ar no dia 23 de maio. Eduarda (Gabriela Duarte) descobre através do diário da mãe, Helena (Regina Duarte), que seu filho nasceu morto, e que a mãe num gesto de amor doou seu filho para Eduarda criar. Todos ficam chocados, e Atílio (Antonio Fagundes), que ainda chorava a morte de seu filho, cria esperanças. Mas Eduarda não consegue deixar de amar o garoto. No último capítulo uma pergunta é feita: e a criança, vai ficar com os pais verdadeiros ou será criada pela irmã? A resposta vem na última cena: vemos num lindo jardim, Eduarda e Marcelo (Fábio Assunção) segurando a criança pelas mãos, a frente deles está Atílio e Helena caminhando. De repente o garoto solta das mãos do casal e corre para as mãos dos verdadeiros pais: Atílio e Helena.

No dia 23 de fevereiro de 2002 ia ao ar a o final da linda história de amor em “A Padroeira”, de Walcyr Carrasco. Com uma trama intrigante e com muita fé, pois contava a história de Nossa Senhora Aparecida, “A Padroeira” chegou a seu último capítulo com muita emoção. Para fugir do vilão Fernão (Mauricio Mattar), a mocinha Cecília (Deborah Secco), tomou um chá com uma erva que só os espanhóis conheciam para parecer morta e ser enterrada viva. Ao tomar o chá, os sinais vitais da moça desapareceram, e Fernão achando que tinha perdido sua amada, ficou desolado. Passado algumas horas, o grande amor da moça, Valentim (Luigi Barriceli) descobre todo o segredo e corre para salvar a mocinha, que nessas alturas já estava enterrada e acordada dentro do caixão. A cena foi marcante, no final vemos os dois partindo num cavalo para bem longe, e em flashbacks é mostrado os milagres da santa

durante toda a novela, fechando com um momento emocionante: mostra-se a cantora Joanna cantando “A Padroeira”, o tema da novela na basílica de Aparecida, acompanhada de milhares de devotos da santa.

3.3.2.11 As “Musas” de Gilberto Braga

Quando um autor escreve uma novela, muitas vezes ele inicia sua sinopse baseando em um personagem e depois começa a escrever sua trama paralela e outros personagens. Na maioria das vezes já cria esse mesmo personagem para tal atriz e tal ator. É o caso de Gilberto Braga. Mestre em telenovelas como “Vale Tudo”, “O Dono do Mundo” e “Paraíso Tropical”, Gilberto tem dobradinhas com algumas atrizes, e acaba por transformá-las em suas musas, assim como na literatura, os autores portugueses tinham suas musas, o autor televisivo usa do mesmo estilo. As dobradinhas em suas novelas são sempre com “Malu Mader, Cláudia Abreu e Glória Pires”.

Malu começou sua dobradinha com Gilberto em 1984, na novela “Corpo a Corpo”, aos 17 anos como a personagem Bia. Foi uma novela boa, bem amarrada, mas que não foi um estrondoso sucesso. O par romântico dela foi nada mais, nada menos que o ator Lauro Corona como Rafael. Mal sabia Malu que essa química com Gilberto viria se fortificar com o passar dos anos. Dois anos depois, aos 19 anos, já conhecida do grande público, e uma das favoritas de Gilberto Braga. Malu deu vida a Lurdinha, na grande minissérie de sucesso “Anos Dourados”. O amor de Lurdinha com Marcos (Felipe Camargo) passou por vários obstáculos por os pais da moça não aceitarem seu namorado ser filho de pais desquitados. O Glamour e o brilho dos anos 50 foram retratados com perfeição pelo grande autor Gilberto Braga.

Com “Vale Tudo” Gilberto Braga entrou para a história da telenovela brasileira. Ele conseguiu despir a corrupção na telinha de uma maneira magnífica. Na trama central temos Maria de Fátima (Glória Pires) e sua mãe Raquel Accioli (Regina Duarte). Raquel era uma mãe simples e que sempre batalhou muito para sustentar a filha. Mas Maria de Fátima sempre foi gananciosa, e aproveitando a ingenuidade do avô que resolveu deixar no nome dela a única casa que possuíam (a que moravam) resolve vender a casa sem avisar ninguém e se mudar para o Rio de Janeiro em busca de “status” e muito dinheiro. Aí começa a grande história, Raquel se vê sem moradia, sem dinheiro e com a filha perdida. A mãe preocupada decide ir ao encontro da filha no Rio e descobre o monstro que ela havia dado a luz e criado. Maria de Fátima foi a vilã de todos os tempos, Glória esbanjou talento e deu o que falar, pois Gilberto gostou tanto da personagem que lhe deu um final feliz: rica e feliz ao lado de um

Conde afeminado. Em 1991, Gilberto Braga apresenta no horário nobre a novela “O Dono do Mundo”. Malu mais uma vez é a protagonista da obra de Gilberto, no entanto o público rejeitou a situação vivida por sua personagem Márcia. Márcia era uma professora inocente que iria se casar com Wálter (Tadeu Aguiar). Wálter era empregado do cirurgião inescrupuloso, Felipe Barreto (Antonio Fagundes). Felipe sabendo desse casamento e descobrindo que Márcia era virgem, faz uma aposta e diz que vai levar a moça pra cama antes de seu empregado. Felipe ganha a aposta e destrói a vida de Márcia. Os telespectadores da época torceram o nariz para isso e Gilberto tentou durante oito meses fazê-los gostar da heroína interpretada por Malu Mader. Mesmo assim, Malu defendeu bem sua personagem e levou a história até o fim.

Na mesma trama a atriz Glória Pires arrasou com uma personagem romântica que sofreu muito nas mãos do marido traidor, Felipe Barreto. Em “O Dono do Mundo”, a história de Stella salvou a novela e chamou a atenção pela sua luta para dar a volta por cima e fez com que os telespectadores torcessem por um final feliz ao lado de quem ela realmente amava: Rodolfo (Kadu Moliterno). Tal talento e reconhecimento podem ser conferidos em sua biografia nas palavras de exaltação de Gilberto Braga:

Conheci, em toda minha vida, pouquíssimas pessoas como Glória Pires. Atriz maior e ser humano tanto quanto grandioso, não sei dizer se uma suplanta a outra. Talvez ambas simplesmente se completem. Um dos grandes orgulhos que tenho em minha vida de escritor é ter minha história profissional ligada a ela, desde que Glória se firmou como intérprete aos 14 anos de idade, na minha novela *Dancin' Days*. Acho que até meio injusto com o resto da humanidade que tantas qualidades tenham se concentrado numa pessoa só, porque é muito difícil encontrar algum defeito nessa joia que, carinhosamente chamamos por Glorinha. (FABRETTI; NASSIFE, 2010, capa 2).

No começo dos anos 90, o Brasil estava mais diferente, Fernando Collor era presidente em 1992, e Gilberto era cobrado pela continuação da minissérie “Anos Dourados”. Com isso ele escreveu os “Anos Rebeldes” e claro, com perfeição. Ao escrever essa grande minissérie Gilberto já tinha certo a atriz que interpretaria sua protagonista, Maria Lúcia: Malu Mader. O entrosamento agora era muito grande e um forte laço de amizade permitia ao autor dar palpites sobre as roupas da atriz e até mesmo de seu cabelo quanto à composição da personagem. Malu interpretou com perfeição sua personagem individualista. Mais uma vez o autor escolheu certo e convidou o ator Cássio Gabus Mendes para dar vida a João Alfredo, o namorado comunista de Maria Lúcia. Um grande ponto que a própria Malu cita nos extras dos DVDs da minissérie é que o entrosamento entre ela e Gilberto era tão grande que Gilberto ao mandar o texto para sua musa, colocava o nome e o momento em que a música iria entrar em sua cena. Mais uma vez ponto positivo para Gilberto, que sempre deu palpites nas escolhas

das músicas das trilhas sonoras de suas obras. Impossível nesta trama falar de Malu Mader e não citar Cláudia Abreu. Cacau como é chamada carinhosamente pelo autor, foi também escolhida para dar vida à personagem Heloísa na minissérie. Na entrevista do lançamento dos DVDs da minissérie, a atriz relembra com alegria o momento em que Malu comentou com ela que iriam trabalhar juntas. Heloísa foi uma personagem forte e que lutou durante toda a trama contra a ditadura, mas o que realmente marcou foi a morte da personagem: Heloísa é parada por policiais, com uma mão dentro da bolsa o policial a manda retirá-la. Heloísa pede para esperar, e quando finalmente estava tirando sua mão da bolsa, leva vários tiros e descobre-se que o que ela estava tentando tirar da bolsa não era uma arma e sim seu RG. Segundo cacau a morte de sua personagem foi inspirada na morte de Che Guevara, e Gilberto adorou a atuação de Cláudia.

Já em 1994, o autor volta para o horário nobre, agora com a novela “Pátria Minha”, sua última novela da trilogia da ética (as outras novelas que formam essa trilogia são “Vale Tudo” e “O Dono do Mundo”). Alice era uma moça determinada, uma estudante que descobre ser filha de Gustavo Pelegrini (Kadu Moliterno). Disposta a ir atrás do que é seu, Alice vai de encontro com seu avô, Raul Pelegrini (Tarcisio Meira) que não aceita a neta de maneira alguma. Para essa personagem, Gilberto não teria dúvidas, cacau tinha todas as qualidades para fazer uma menina delicada, mas ao mesmo tempo forte e que luta por seus ideais. Seu par romântico foi o ator Fábio Assunção, que interpretou o bonzinho Rodrigo.

1998 foi o ano da minissérie “Labirinto”, com grandes nomes no elenco, as musas mais uma vez deram o ar da graça nesta minissérie. A trama era policial e envolvia André Meireles (Fábio Assunção). Ele era o principal suspeito de matar Otacílio Fraga (Paulo José). Como par romântico de André, temos a prostituta perspicaz e inteligente, Paula Lee (Malu Mader). A história foi bem amarrada e Malu convenceu na pele da prostituta. Parece que Gilberto gosta mesmo de trabalhar com quem ele gosta. Para não se esquecer de Cacau, ele convidou a atriz para fazer uma participação especial como Liliane, uma amiga prostituta de Paula Lee.

No final da década de 90, em 1999 exatamente, Gilberto sai das tramas contemporâneas, que até então, todos achavam que era sua praia, e apresenta uma trama de época, envolvente e com uma história recheada de conflitos, como é de costume em suas obras. Em “Força de um Desejo”, Gilberto constrói para suas duas musas: Malu Mader e Cláudia Abreu, duas personagens fortes, com desejo de liberdade e que lutam a todo custo por seus amores. Malu deu vida a Ester Delamare, uma cortesã rica e poderosa na Corte. Ester era uma cortesã diferente com suas meninas, ela as tratava bem e era amiga de todas. Cacau por

sua vez, interpretou Olívia, uma escrava branca, que foge de seu dono na Corte e se refugia na pequena cidade de Sant´Ana, onde acaba conhecendo seu verdadeiro amor: o médico Mariano (Marcelo Serrado). Em uma visita a Corte, Inácio (Fábio Assunção) conhece Ester. Enquanto os dois se amam, a avó do rapaz, Idalina Sobral (Natália Timberg), consegue através de uma grande artimanha, separar o casal. Ao mesmo tempo, Olívia vive acoada, na pequena cidade de Sant´Ana. Durante a história, Ester casa-se com pai de Inácio e Olívia ganha um carrasco que irá infernizá-la durante toda a trama, o mascate Higino Ventura (Paulo Betti). Higino descobre que Olívia é uma escrava e a partir daí compra a moça e transforma sua vida em um inferno total. Ponto para Gilberto e para suas musas, que fizeram dessa novela, uma trama interessante, bem amarrada e carismática. Um fato curioso: as personagens de Malu e Cláudia se tornam grandes amigas, isso é o que realmente são na vida real.

Quanto vale o preço da fama? Quanto tempo dura a fama? Muitos dizem 15 minutos. A partir dessas perguntas, nosso querido autor apresenta a trama de “Celebridade”, 2003. No centro da história temos Maria Clara Diniz (Malu Mader), uma famosa empresária e promotora de eventos, que ficou famosa, a partir de uma tragédia no dia de seu casamento com Wagner Lopes. Wagner compôs para Maria Clara quando namoravam, a música “musa do verão” (Summer Spell em inglês). Acontece que no dia de seu casamento com Wagner, Ubaldo Quintela (Gracindo Júnior), um amigo de Wagner, entra na igreja e acusa Wagner de ter roubado sua música. Durante a discussão, Ubaldo acaba matando Wagner e com isso a tragédia de seu casamento deu uma projeção nacional para Maria Clara Diniz. Do outro lado, temos Laura Prudente da Costa (Claudia Abreu) que sempre invejou Maria Clara e quis o seu lugar. Se fingindo de amiga, Laura consegue emprego na agência de Maria Clara, e acaba provocando a derrocada da mocinha. Maria Clara então, que possuía toda a fama e respeito, se vê pobre e sem emprego. Agora cabe a mocinha e musa de Gilberto, Malu Mader, descobrir o motivo que fez Laura lhe dar o golpe e tentar reaver toda sua vida. Em 2007 Gilberto volta ao horário nobre, com a trama das gêmeas Paula e Taís (Alessandra Negrini). Mas o que realmente notamos é a presença da musa Glória Pires, que já havia trabalhado com o autor. Glória interpretou na trama a mocinha Lúcia, uma mãe à frente de seu tempo, independente e que criou seu filho Mateus (Gustavo Leão), sozinho. Lúcia vem morar no Rio de Janeiro e acaba se apaixonando pelo rico e poderoso empresário Antenor Cavalcanti (Tony Ramos).

3.4 A Teoria do espelho na novela “Vale Tudo”

Como dizia a música “Brasil” na letra de Cazuza e na voz de Gal Costa, uma novela que despiu o Brasil, mostrou uma pátria sem importância, agida pela manipulação, com leve desejo de liberdade. Brasil, mostra tua cara!

Abordagem social: O ano era de 1988, o final de uma década conturbada e problemática. No horário das oito da noite Gilberto Braga iria estar no ar com mais uma novela ao seu estilo: quem matou quem e assuntos sociais. Acabou criando a novela que viria ser para muitos o retrato perfeito de uma realidade nua e crua. Com a simples pergunta: vale a pena ser honesto no Brasil de hoje? Levantou a eterna discussão entre a honestidade e a corrupção, algo latente e nítido naquele 1988 e que se arrasta até hoje, século XXI. De um lado estava Raquel Acióli (Regina Duarte), uma mulher batalhadora, decidida, do bem e que acreditava mais do que nunca que o reconhecimento profissional e a dignidade viriam somente com muita luta e com o suor de seu rosto, depois de muito trabalho. Do outro lado sua filha, Maria de Fátima (Glória Pires), uma garota corrupta, sem escrúpulos e totalmente malévola. O gancho inicial da novela seria o embate entre mãe e filha discutindo a pergunta social. Mas outras histórias se desenrolaram e acabaram por prender ainda mais a atenção dos telespectadores. Assuntos como homossexualidade, alcoolismo, individualismo e o clichê quem matou? Foram colocados no ar.

Mesmo com uma boa espinha dorsal, a novela precisava se sustentar logo no primeiro capítulo e foi o que aconteceu, Maria de Fátima engana a mãe e vende a casa onde ambas moravam em Foz do Iguaçu, deixando tudo pra trás, inclusive Raquel no olho da rua. Antes de morrer, o pai de Fátima passou a propriedade no nome da vilã, acreditando ser a melhor coisa. Ledo engano, Fátima se muda para o Rio de Janeiro, e é lá que acaba conhecendo figuras corruptas tal como ela: César Ribeiro (Carlos Alberto Riccelli), Marco Aurélio (Reginaldo Faria) e a megera Odete Roithman (Beatriz Segall). Raquel como último recurso vai atrás da filha e lá acaba por conhecer o lado honesto da trama, Ivan (Antonio Fagundes), Poliana (Pedro Paulo Rangel) e Celina (Nathalia Timberg). Daniel Filho (2001, p. 90), diretor geral na época, comenta sobre o primeiro capítulo da história:

Na primeira sinopse, a filha vendia a casa por volta do capítulo 40 ou 50. Lógico que outras histórias paralelas estariam acontecendo. Mas o tema central não se deslançava. Argumentei:

- Se a filha não vender a casa no primeiro capítulo e a mãe ficar na miséria, a novela não atingirá seu objetivo. Ou seja, não deixaria claro seu tema. Denis Carvalho – o diretor – concorda. A presença de Aguinaldo e o jeito conciliador de Leonor deixaram Gilberto seguro para adiantar a história em 40 capítulos. A união dos dois, mais o pé no chão de Leonor gerou uma das melhores novelas brasileiras: Vale tudo.

Co-autores: importantes na criação da novela, Aguinaldo Silva e Leonor Básseres foram peças importantes para dar firmeza e consistência a obra, exerceram os papéis de co-autores. Aguinaldo é conhecido por suas ideias regionalistas e por dar vida no papel a personagens fortes e presentes. Já Leonor era conhecida como uma autora mais centrada e equilibrada, própria para tomar decisões pertinentes e decisivas. E desse casamento surgiu esta grande novela. Com assuntos sociais, a corrupção nunca foi tão bem representada como nesta trama. Nela os vilões mais podres da telinha foram representados por Maria de Fátima, César Ribeiro, Marco Aurélio e Odete Roithman. A corrupção entrou para a história e deu o que falar:

- o Maria de Fátima Acióly – Glória Pires: deixou a mãe na miséria, a separou do homem que amava, Ivan, conseguiu separar a melhor amiga Solange (Lidia Brondi) do namorado e tomar seu lugar, fingiu estar grávida, engravidou e ainda vendeu o filho;
- o Marco Aurélio – Reginaldo Faria: trabalhava na empresa área TCA. Totalmente sem índole e ganancioso. O personagem deu um desfalque na empresa devido a um caixa dois e ainda por cima se deu bem no final;
- o Odete Roitman – Beatriz Segall: megera amarga e autoritária, Odete Roitman odiava o Brasil e sempre procurou viver longe desse “País tupiniquim” como sempre dizia. Terminou assassinada nos momentos finais da trama;
- o César Ribeiro – Carlos Alberto Riccelli: Comparsa e amante de Maria de Fátima, César era conhecido no meio artístico por já ter trabalhado como modelo. Nas horas extras cometia alguns delitos em troca de grana e vida boa.

Alcoolismo: diferentemente da época em que vivemos, nos anos 80 os assuntos ainda eram tabus, e muito pouco se falava em temas realmente importantes e de interesse social. “Vale Tudo”, além de falar de corrupção, também se aprofundou e muito no tema “Alcoolismo”. Para chocar e fazer o Brasil inteiro discutir tal dependência, Gilberto Braga inseriu na história a artista plástica, Helena Roitman (Renata Sorrah). Solitária e desiludida da vida, Heleninha já foi casada com Marco Aurélio e dessa relação teve um filho, Thiago (Fábio Vila Verde).

Durante o casamento Heleninha já demonstrava fraquezas quanto às bebidas e isso culminou na separação do casal. História como da personagem, em que a vida a dois não dá certo, é uma verdadeira desilusão e que se “afogar” todos os problemas pessoais e amorosos

em copos de bebida é mais comum do que muitos pensam na chamada vida real, mas transpor isso para telinha de forma coerente e relevante nunca havia sido feito, até então.

Dessa novela em diante muitos paradigmas foram quebrados, tabus foram vencidos e muitos outros alcoólatras apareceram nas novelas.

No desenrolar de sua história, Helena se apaixonou por Ivan, casando com o mocinho. Mas o ciúme e a superexposição dos seus problemas, gera a separação. A partir deste momento, a socialização do álcool em todo Brasil ganha contornos importantes e muito discutidos. Em uma das cenas, a personagem chega a ser internada em uma clínica com camisa de força e tudo.

Sem Gelo. Heleninha Roitman virou sinônimo de bebedeira no país. Atordoada por porres homéricos, quebrou bares, desabou da escada, afogou mágoas e mágoas em doses intermináveis de uísque, mas, no fim das contas, conseguiu se salvar com a ajuda dos Alcoólicos Anônimos. Nem tudo foi tão politicamente incorreto em Vale Tudo. (MAIOR, 2006, p. 276).

Homossexualidade: naqueles tempos, o Brasil vivia uma fase do caos, de intrigas e manipulação. Era difícil se falar e tornar aberto a comunicação sobre determinados assuntos. O que dirá então do tema “homossexualidade”. Gilberto Braga levantou a questão novela com as personagens Laís (Cristina Prochaska) e Cecília (Lala Deheinzelin). Duas companheiras que não mostravam em público suas afeições, mas todos os personagens entendiam a relação, e o público, claro, sabia.

Como era de se esperar, o destino das personagens foi alterado, pois a mão da ditadura ainda existia. Diálogos, entre ambas tiveram que ser refeitos, além de não caírem no gosto popular. Como mudança, a personagem Cecília sofre um acidente, morre e desaparece para sempre da trama.

Cantor e poeta da geração na década de 80, Cazuza era a representação e ícone no tema. Além de fazer parte da trama com sua composição musical na trilha, era impossível não associá-lo com a época e com todo o pavor que o assunto causava nas famílias e na sociedade. Como relata a mãe em seu livro:

O pensamento me dominava dia e noite e o pavor rondava meus minutos. Coração de mãe presente, sempre sabe a verdade, mesmo que batesse esperançoso como o meu, rezando para que tudo não passasse de um mal-entendido, um temor sem fundamento. Então, quando li a carta amorosa do meu filho endereçada a um homem não me contive. O enfrentei com a pergunta curta e grossa, sem rodeios, diretamente ao assunto:

- Meu filho, você é homossexual?

Nunca troquei experiências e informações com outras mães na mesma situação e, portanto, não sei como a maioria delas reage a essa constatação, mas o fato é que, no meu caso, a revelação dói devastadora. Pensava no porquê, na razão daquilo tudo, como se tudo que acontecesse nesse mundo tivesse uma razão óbvia e absoluta. (ARAÚJO, 2008, p. 107, 108).

O final: No dia 6 de janeiro de 1989, o Brasil parou para assistir ao final da história. Com uma trama polêmica e cheia de intrigas, Gilberto Braga conseguiu mobilizar o País em cima da seguinte pergunta: Quem matou Odete Roithman (Beatriz Segall)? Neste último capítulo, o Brasil descobriu que a assassina da megera era Leila (Cássia Kiss). Foi mostrado Ivan (Antonio Fagundes) saindo da cadeia e tendo seu final feliz ao lado da sanduicheira Raquel (Regina Duarte). A alpinista social Maria de Fátima (Glória Pires) conseguiu o que mais queria: se casou com um conde gay e ficou rica, sempre ao lado do amante César Ribeiro (Carlos Alberto Ricelli). Para fechar o grande capítulo, em um jatinho, fugindo do Brasil, Leila (Cássia Kiss), que matou Odete, e seu marido Marco Aurélio (Reginaldo Faria), que roubou dólares da megera, deu uma banana com os braços para o Brasil.

Abertura – retratos de um Brasil: com fotos e retratos de um Brasil bonito, mas desonesto, a música “Brasil” na voz de Gal Costa já dizia ao que veio: ficção e realidade se misturavam ao mostrar fotos dos atores também.

“Criticava-se um tipo de mentalidade que se definia na sociedade, o vale-tudo pelo poder: corrupção e impunidade explicitadas em sua abertura pelos versos da música Brasil, de Cazuza, cantada por Gal Costa. Nunca realidade e ficção estiveram tão atadas numa produção televisiva.” (FABRETTI; NASSIFE, 2010, pág. 134).

Trilhas sonoras: presentes em toda novela, a trilha sonora enriquece e complementa a história, dá o tom uma cena romântica, aprimora a comicidade ou até mesmo especifica uma época, uma linguagem na trama. É o caso de “Vale Tudo”, sintonia perfeita entre música e emoção. Na trilha internacional destaques para as músicas como “Father Figure” na voz de George Michael, “Lost in you” – Rod Stewart, “Baby can I hold you” com Tracy Chapman, entre outros. Na trilha nacional, o nacionalismo acompanhou perfeitamente os personagens. Para mostrar a luta da batalhadora Raquel (Regina Duarte), “Isto aqui o que é” de Caetano Veloso ilustrava bem o dia a dia da protagonista. “Tá combinado” na voz de Maria Bethânia completava o amor de Ivan (Antonio Fagundes) e Raquel. Além de “Brasil” (cantada por Gal Costa) e “Faz parte do meu show”, letra e voz respectivamente de Cazuza.

A crítica o consagrou como seu melhor trabalho, levando com cada vez mais ênfase o poeta antenado que ele se revelava. *Brasil*, uma das canções do CD, serviu de abertura para a novela das oito da Globo, *Vale Tudo*, de Gilberto Braga, na voz de Gal Costa. Na mesma novela, a música *Faz parte do meu show*, interpretada por ele também, foi escolhida como tema da personagem vivida por Lídia Brondi. (ARAÚJO, 2008, p. 236).

Elenco: Composta de um elenco estelar, a trama se tornou inesquecível devido as atuações impagáveis de seus atores. Regina Duarte defendeu bem uma personagem a personagem

sofredora, mas ao mesmo tempo forte e honesta. Glória Pires é lembrada até hoje pelas canalhices e maldades cometidas por sua Maria de Fátima contra a mãe. O que dizer então da inescrupulosa e emergente Odete Roithman? Beatriz Segall tenta até hoje se desvencilhar da personagem na memória do público brasileiro. As bebedeiras de Heleninha Roithman mostraram bem a o talento e competência de Renata Sorrah. Ainda fizeram parte do time Antonio Fagundes, Carlos Alberto Riccelli, Reginaldo Faria, Cássio Gabus Mendes, Lidia Brondi, Nathalia Timberg, Adriano Reys, Cássia Kiss, Cláudio Corrêa e Castro, Pedro Paulo Rangel, Lília Cabral, Rosane Gofman, Sérgio Mamberti, Marcos Palmeira, Otávio Müller, Cristina Prochaska, Dênis Carvalho, Fábio Vila Verde, Flávio Monteiro, Marcello Novaes, Paulo Reis, Stepan Nercessian, Cristina Galvão, Paula Lavigne, Jairo Lourenço, Íris Bruzzi, Maria Gladys, Fernando Almeida, João Camargo, Lourdes Mayer, Zeni Pereira, Danton Mello, Paulo Porto, Nara de Abreu, Ana Lúcia Monteiro, Rita Malot, Martha Linhares, Renata Castro Barbosa, Paulo Rezende, entre outros.

Audiência: ao longo de seus oito meses, quase nove. A trama conquistou não só o público como também em termos de audiência. Sucesso absoluto no horário nobre, a história de Gilberto Braga chegou a alcançar números de 80 pontos, com picos de até 90 pontos. Cada ponto equivale a 80.000 televisores ligados. Um fenômeno!

Para se fazer uma análise e dar sentido e embasamento a teoria é necessário antes de qualquer coisa conhecer, adorar e apreciar o gênero que é a telenovela. Produto que hoje em dia serve até mesmo de estudo, as novelas têm sua importância no meio acadêmico. “Vale Tudo” como dito antes provocou ira, amor e até mesmo revolta por seus temas impactantes. Mas como a teoria do espelho se encaixa na trama? A história abordou temas até então escondidos e camuflados pela sociedade: homossexualidade, alcoolismo, ambição, fixação por status, ascensão social. No assunto da opção sexual, naquela época as orientações não eram reveladas, existia toda uma fuga para não se falar no assunto. As personagens Laís (Cristina Prochaska) e Cecília (Lala Deheinzelin) mulheres felizes, alegres e que demonstravam claramente uma relação do mesmo sexo, tiveram seus diálogos cortados e reescritos. Pois uma declaração mais explícita de carinho não poderia ser feita - corte da ditadura -. Gilberto refletiu em sua novela a realidade nua e crua, a verdadeira teoria, pois as maldades, a exclusão e as humilhações, que os homossexuais passavam ao sair do “armário”, eram a realidade daquela geração: tão “quadrada” e mente “não-aberta”.

O que dizer então do tema alcoolismo? Com Helena Roithman (Renata Sorrah), o autor mostrou com clareza que: doenças e vícios não diferem as classes sociais.

Uma mulher rica, filha de empresários e que tinha todo o dinheiro do mundo para ter o que quisesse, se afogava no vício do álcool. Foi a primeira vez que a realidade se posicionou com franqueza e mostrou que o vício em bebidas alcoólicas pode ocorrer em pobres quanto em ricos.

Vale a pena ser honesto no Brasil de hoje? Gilberto Braga se questionava sempre e estava cansado de ter que fechar os olhos para a impunidade. Com um tema eternamente atual, a novela mostrou o que sempre aconteceu no nosso país. Nesse país, os corruptos sempre se dão bem e os honestos acabam por amargar um final infeliz. E isso foi através do choque, da realidade como ela é, de um reflexo que o autor via e que sempre o incomodou, mas nunca foi dito. A novela foi um sucesso e se tornou um marco para a teledramaturgia e para a teoria do espelho, fato que possibilitou este estudo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o conteúdo estudado, vimos que a telenovela tem um papel muito importante na sociedade. Pois ela faz parte da mídia, de um veículo de comunicação. Ou seja, é difusora de ideias e tem seu papel social. É possível verificar que tem suas subáreas, como por exemplo, a publicidade (marketing social e financeiro), é presença constante em quase todas as novelas. E o espelhamento daquilo que os autores acreditam ser o reflexo de sua realidade. Fragmentos do real na visão de quem escreve e de quem assiste. Fica claro que a telenovela sempre terá sua importância no caráter reflexivo e crítico da sociedade brasileira. Não importando culturas, religiões e nem mesmo aspectos financeiros. Portadora de consciência social e se tornando paixão nacional, mostrando a identidade do Brasil. O presente trabalho não está concluído e pode ter continuidade em outras pesquisas acadêmicas.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Mauro. **A Hollywood brasileira: panorama da televisão no Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2002. 176 p.

ARAÚJO, Lucinha; ECHEVERIA, Regina. **Cazuza, só as mães são felizes. Lucinha Araújo em depoimento a Regina Echeveria**. 9. reimpressão. São Paulo: Editora Globo, 2008. 397 p.

BALL-ROKEACH, Sandra; DEFLEUR Melvin L. **Teorias da Comunicação de Massa**. 5. ed. Rio de Janeiro – RJ: Jorge Zahar Editor LTDA, 1993. 397 p.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P.A. **Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Makron, 1996, 209 p.

CAMPEDELLI, Samira Youssef. **A Telenovela**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática - Série Princípios, 1986. 96 p.

DE ALMEIDA, Lígia Beatriz Carvalho. O “Merchandising não social” como instrumento de validação do edutainment e da responsabilidade social. www.bocc.uff.br, c2007. Disponível em: < <http://www.bocc.uff.br/pag/almeida-ligia-merchandising-nao-social.pdf> >. Acesso em: 23 de outubro de 2001.

FABRETTI, Fábio Fabrício; NASSIFE, Eduardo. **40 anos de Glória**. 1. ed. São Paulo: Geração editorial, 2010. 364 p.

FRANÇA, Vera Veiga (Org.); HOHFELDT, Antonio (Org.); MARINO, Luiz C. (Org.). **Teorias da comunicação: Conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis – RJ: Editora Vozes LTDA, 2008. 309 p.

FILHO, Daniel. **O Circo eletrônico – Fazendo TV no Brasil**. 1.ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001. 360 p.

JUNIOR, Luiz Costa Pereira. **A vida com a TV: O poder da televisão no cotidiano**. São Paulo – SP: Editora Senac, 2002. 280 p.

MAIOR, Marcel Souto. **Almanaque TV Globo: pesquisa memória globo**. São Paulo: Editora Globo, 2006. 511 P.

PATERNOSTRO, Vera Luís. **O texto na TV: Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro – RJ: Elsevier Editora LTDA, 2006. 231 p.

SCHENKER, René. **A Televisão**. Rio de Janeiro – RJ: Salvat Editora do Brasil S.A., 1979. 142 p.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo Volume 1: Porque as notícias são como são**. 2. ed. Florianópolis – SC: Editora Insultar LTDA, 2005. 223 p.

TILBURG, João Luís Van. A Televisão e o Mundo do Trabalho – O poder de barganha do cidadão – telespectador. www.bocc.uff.br, c2002. Disponível em: <

<http://www.bocc.uff.br/pag/tilburg-joao-televisao-trabalho.pdf> >. Acesso em: 23 de outubro de 2001.

Guia Ilustrado TV Globo: novelas e minisséries: Projeto memória globo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010. 316, p.

APÊNDICES

Ao longo do caminho muitas estradas são percorridas, obstáculos são superados e como resultado se obtém o sucesso. A vida é um guia onde cada página deve ser marcante e contada com emoção...

OS 100 PERSONAGENS MAIS MARCANTES

01 – Beto Rockefeller (Luiz Gustavo) – Beto Rockefeller/ 1968

Rede Tupi de televisão

O vendedor Beto com muita inteligência e jogo de cintura consegue se passar por Beto Rockefeller, o primo de um magnata, e com isso acaba entrando na alta sociedade, participando de badaladas festas e muitas mulheres. Beto foi um galã no final dos anos 60.

02 – Lara/ Diana/ Márcia (Glória Menezes) – Irmãos Coragem/ 1970

Rede Globo

Lara marcou na teledramaturgia por ter três personalidades. Coitado do pobre João Coragem (Tarcísio Meira), que tinha que lidar com suas esquisitices.

03 – Fernanda (Dina Sfat) – Selva de Pedra/ 1972

Rede Globo

Abandonada no altar, Fernanda acabou ficando louca. Saiu rasgando o vestido e gritando. Era a vilã da história, tentou matar a mocinha Simone Marques (Regina Duarte), mas não conseguiu. Para se vingar dela, Simone se fingiu de morta, tomou o lugar de sua irmã Rosana Reis (já falecida) e começou a vingança contra Fernanda.

04 – Odorico Paraguaçu (Paulo Gracindo) – O Bem-amado/ 1973

Rede Globo

A história do prefeito que queria a todo custo inaugurar o cemitério da cidade de Sucupira. Ele sempre armou coisas pra que alguém morra, mas no final da novela ele é quem acaba inaugurando o cemitério.

05 – Petrucchio (Antonio Fagundes) – O Machão/ 1974**Rede Tupi de televisão**

Petrucchio era um rude rapaz que recebeu a difícil missão de domar a megera Catarina (Maria Isabel de Lizandra), uma feminista que não queria se casar. A rudeza do machão com a fúria da fera Catarina foram risos na certa.

06 – Gabriela (Sônia Braga) – Gabriela/ 1975**Rede Globo**

Gabriela foi inesquecível, seu jeito brejeiro e meigo, e seu romance com Nacib (Armando Bógus) garantiram o sucesso de audiência. Numa das cenas mais marcantes, Gabriela pega num telhado uma pipa para um garoto, ela pega sem pudor, com toda a movimentação da cidade para si.

07 – Nice (Suzana Vieira) – Anjo Mau/ 1976**Rede Globo**

A babá Nice que armou para se casar com o patrão, passou por cima de todos e conseguiu o que queria. Tornou-se uma Medeiros e engravidou do mocinho Rodrigo (José Wilker). Mas no final Nice acabou morrendo no parto.

08 – Escrava Isaura (Lucélia Santos) – Escrava Isaura/ 1976**Rede Globo**

A famosa escrava do livro de Bernardo Guimarães foi pra telinha e foi um sucesso. Sofreu durante toda a novela, e teve seu grande final feliz ao lado de seu amor. A novela foi um sucesso de exportação.

09 – Dona Redonda (Wilza Carla) – Saramandaia/ 1976**Rede Globo**

De tanto comer, a personagem acabou marcando e entrando pra história. Dona Redonda acabou explodindo no meio da cidade, e fez Bole-Bole tremer.

10 – João Gibão (Juca de Oliveira) – Saramandaia/ 1976**Rede Globo**

Protagonista da trama, João foi o maior realismo-fantástico utilizado na história. Ao possuir asas, o protagonista voa sob toda Bole-bole, deixando os moradores atônitos.

11 – Júlia Matos (Sônia Braga) – Dancin' Days/ 1978**Rede Globo**

A ex-detenta Júlia sofreu para ter de volta o amor da filha Marisa (Glória Pires), e ainda por cima teve que bater de frente com a malvada irmã, Yolanda Pratini (Joana Fomn). O que marcou a personagem foram suas danças na boate da novela, com roupas descoladas e com a famosa meia luréx.

12 – Malu (Regina Duarte) – Malu Mulher/ 1979**Rede Globo**

Os dramas de Malu, uma mulher recém-separada, tendo que se manter sozinha e ainda por cima cuidar da filha adolescente.

13 – Mário Fofoca (Luiz Gustavo) – Elas por Elas/ 1982**Rede Globo**

O detetive atrapalhado com terno xadrez e que vivia de fofocas foi a sensação da novela das sete na época.

14 – Pardal (Tony Ramos) – Livre para Voar/ 1984**Rede Globo**

Surdo e mudo, Pardal vivia num vagão de trem abandonado, lá ele acaba conhecendo o garoto Gibi, que havia fugido de um orfanato.

15 – Viúva Porcina (Regina Duarte) – Roque Santeiro/ 1985

Rede Globo

Aquela que foi viúva sem nunca ter sido entrou pra história. Seu jeito extravagante, com turbantes e roupas coloridas fez a moda do ano.

16 – Jô Penteadado (Christiane Torloni) – A Gata Comeu/ 1985**Rede Globo**

Famosa por ter desfeito sete noivados, Jô ficou conhecida como Lucrecia Bórgia. Seu jeito louco, muitas vezes engraçado, foi o destaque da história.

17 – Professor Astromar (Ruy Rezende) – Roque Santeiro/ 1985**Rede Globo**

Professor Astromar era um homem estranho, que era apaixonado por Mocinha (Lucinha Lins). Mas na verdade todos desconfiavam de suas saídas noturnas. Descobre-se durante a novela que na verdade ele se transformava em um lobisomem.

18 – Sinhozinho Malta (Lima Duarte) – Roque Santeiro/ 1985**Rede Globo**

Juntamente com Porcina, Sinhozinho agitou a trama e fez rir. Se sentindo o todo-poderoso da região, Sinhozinho não poupava mimos para Porcina. Um de seus bordões era “To certo ou tô errado?”.

19 – Tancinha (Claudia Raia) – Sassaricando/1987**Rede Globo**

Tancinha era muito despachada e tinha se jeito de falar. Trabalhava juntamente com sua família numa feira. É muito lembrada por vender seus melon, como ela mesmo dizia, na feira.

20 – Jocasta (Vera Fischer) – Mandala/ 1987**Rede Globo**

Baseada na obra Édipo - rei, Mandala contou a história de Jocasta e Édipo (Felipe Camargo), o filho que se apaixonou pela mãe sem saber quem era ela. Nesta novela Vera Fischer se eternizou deusa por causa de Tony Carrado (Nuno Leal Maia) e da música “O amor e o poder” de Rosana.

21 – Maria de Fátima (Glória Pires) – Vale Tudo/ 1988

Rede Globo

Maria de Fátima causou ira nos telespectadores por deixar a mãe na rua e humilhá-la durante toda a novela. No final da novela, a vilã ainda teve um final feliz como sempre quis, rica!

22 – Zé do Burro (José Mayer) – O Pagador de Promessas/ 1988

Rede Globo

Quando o burro Nicolau fica entre a vida e a morte, Zé do Burro, então, faz uma promessa a Santa Bárbara: carregar uma cruz até a igreja da santa.

23 – Odete Roithman (Beatriz Segall) - Vale Tudo/ 1988

Rede Globo

Odete odiava o Brasil e tudo que era pobre. Humilhava a todos e não fazia esforços para comprar, ou até mesmo acabar com qualquer pessoa. Como castigo foi assassinada, e seu assassino foi revelado no último capítulo da trama.

24 – Tieta (Betty Faria) – Tieta/ 1989

Rede Globo

Tieta ainda jovem foi escorraçada de Santana do Agreste por sua família e principalmente por sua irmã Perpétua (Joanna Fomn). 25 anos depois Tieta retorna à cidade rica e moderna. Com um ar de perua e toda debochada.

25 – Sassá Mutema (Lima Duarte) – O Salvador da Pátria/ 1989

Rede Globo

A história do simples bóia-fria que chegou ao poder e lutou por aquilo que acredita, foi emocionante. Sempre ao seu lado estava a professora Clotilde (Maitê Proença).

26 – Rainha Valetine (Tereza Rachel) – Que Rei Sou Eu?/ 1989

Rede Globo

Destaques da trama de Cassiano Gabus Mendes, a Rainha Valentine era aliada do Bruxo Ravengar (Antônio Abujamra) e governava Avilan comandada por outros. Suas gargalhadas altas eram sua marca registrada.

27 – Juma Marruá (Cristiana Oliveira) – Pantanal/ 1990

Rede Manchete e SBT

A misteriosa Juma apareceu em Pantanal e marcou os telespectadores com seus banhos de rio. Juma além de uma mulher determinada, também se transformava em uma verdadeira onça.

28 – Vó Manuela (Fernanda Montenegro) – Riacho Doce/ 1990

Rede Globo

Feiticeira poderosa, Vó Manuela tentou fechar o corpo de seu neto Nô (Carlos Alberto Ricelli) para o amor, mas a chegada de uma forasteira, levou os planos da feiticeira pra o brejo.

29 – Maria do Carmo (Regina Duarte) – Rainha da Sucata/ 1990

Rede Globo

A sucateira que de pobre passou a uma empresária marcou no início dos anos 90. Maria do Carmo era simplória e acabou se apaixonando pelo playboy Edu (Tony Ramos).

30 – Vlad Polanski (Ney Latorraca) - Vamp/ 1991

Rede Globo

Vilão da novela, Vlad fez rir também... sempre que o vampiro mordia e tomava o sangue de alguém, o conde falava: “gotooooo”.

31 – Natasha (Cláudia Ohana) – Vamp/ 1991**Rede Globo**

Natasha vendeu sua alma para Vlad (Ney Latorraca) para ser uma famosa cantora de rock. Depois de vendida a alma, acabou se arrependendo e indo fugir para a cidade de Armação dos anjos. Lá muita música, crucifixos e claro rock, fizeram o sucesso da Natasha.

32 – Felipe Barreto (Antonio Fagundes) – O Dono do Mundo/ 1991**Rede Globo**

O famoso cirurgião era imoral e não dava a mínima para os sentimentos do próximo. Ele foi capaz de tirar a virgindade da futura esposa de um funcionário seu, e foi até o final da trama sendo um verdadeiro canalha.

33 – Sérgio Cabeleira (Osmar Prado) – Pedra Sobre Pedra/ 1992**Rede Globo**

Sérgio Cabeleira foi o destaque da novela. Ele sempre se sentia atraído pela lua cheia. Marcante a cena em que ele voa atraído para a lua.

34 – Reginaldo (Eri Johnson) – De Corpo e alma/ 1992**Rede Globo**

Reginaldo marcou a trama com suas roupas pretas e seu jeito gótico de ser. Mesmo com todas essas evidências, o gótico era doce e permitiu se apaixonar por Yasmin (Daniela Perez).

35 – Celestina (Dercy Gonçalves) – Deus nos acuda/ 1992**Rede Globo**

Celestina representava o Brasil no céu, era toda bagunçada e ainda por cima teve a incumbência de levar a trambiqueira Maria Escandalosa (Claudia Raia) para o caminho da honestidade.

36 – Jorge Tadeu (Fábio Jr.) – Pedra Sobre Pedra/ 1992**Rede Globo**

O fotógrafo Jorge Tadeu deu o que falar na cidade de Resplendor. Além de se envolver com várias mulheres casadas, o rapaz tinha a mania de apelidar cada amante sua com uma fruta. Depois de sua morte, aquela que comia certa flor, tinha o prazer de trazê-lo de volta ao seu aposento.

37 – Betina (Bruna Lombardi) – De Corpo e Alma/ 1992**Rede Globo**

Betina tinha um amante que não ligava muito pra ela, apesar de ela amá-lo muito. Durante uma discussão com ele, ela acaba sofrendo um acidente e morre, mas seu coração é doado a tempo para Paloma (Cristiana Oliveira), Paloma acaba se envolvendo com o mesmo amante de Betina.

38 – Juca (Victor Fasano) – De Corpo e Alma/ 1992**Rede Globo**

Juca marcou como um personagem que era dançarino em um clube de mulheres. Seu amor pela doce Paloma (Cristiana Oliveira) era lindo também. Mas o que o rapaz realmente fazia bem era atçar as mulheres no clube. Seu personagem tornou conhecida essa profissão.

39 – Buba (Maria Luísa Mendonça) – Renascer/ 1993**Rede Globo**

Buba causou polêmica ao se revelar hermafrodita durante a trama. A moça lutou muito e teve um final feliz ao lado de Zé Augusto (Marco Ricca).

40 – Raquel (Glória Pires) – Mulheres de areia/ 1993**Rede Globo**

Totalmente com personalidade oposta ao de sua irmã Ruth, Raquel era malvada e queria ser rica. Suas maldades não tinham fim e quem mais sofria com isso era Tonho da Lua (Marcos Frota).

41 – Tonho da Lua (Marcos Frota) – Mulheres de areia/ 1993

Rede Globo

O escultor de areia, Tonho da Lua, ficou famoso e alegrou os telespectadores por seu ar inocente e seu jeito meigo de chamar sua amada: RUTINHAAAA!

42 – A menina Laleska (Carolina Pavanelli) – Sonho Meu/ 1993

Rede Globo

Desde o início da trama, Laleska penou, pois foi parar num internato, sofreu nas mãos de pessoas ruins e ainda por cima não sabia o paradeiro de sua mãe. Para amenizar o sofrimento da menina, o doce Tio Zé (Elias Gleiser) estava ao seu lado.

43 – Perla Menescau (Cláudia Alencar) – Fera Ferida/ 1993

Rede Globo

Perla Menescau chegou à cidade de Tubiacanga para atizar os homens do lugar. Mas o que realmente acontecia, era um romance secreto da fogosa com o jovem garoto Etevaldo (Pedro Vasconcellos).

44 – Alexandre (Guilherme Fontes) – A Viagem/ 1994

Rede Globo

O espírito do atormentado Alexandre aprontou todas na trama e não deixava sua família em paz. Com a vinda de sua irmã para o plano espiritual, Dinah conseguiu fazer com que ele encontrasse o caminho da luz.

45 – O mascarado, Adonai (Breno Moroni) – A Viagem/ 1994

Rede Globo

O mascarado encantou todos com suas fantasias de pierrô e com suas peripécias para encantar as crianças. O personagem tinha um ar tão misterioso que realmente chamava a atenção.

46 – Babalu (Letícia Spiller) – Quatro por Quatro/ 1994

Rede Globo

Sua famosa coçadinha atrás da nuca e seu jeito reboativo de andar, foram peças-chave para o sucesso dessa eterna manicure.

47 – Filomena Ferreto (Araci Balabanian) – A Próxima Vítima/ 1995

Rede Globo

A mão-de-ferro da família Ferreto não perdoava ninguém, nem mesmo os empregados e a própria família. A única a ter privilégios era sua sobrinha Isabela Ferreto (Cláudia Ohana).

48 – Joyce (Carla Marins) – História de amor/ 1995

Rede Globo

O drama da adolescente Joyce que ficou grávida e ainda não tinha o namorado ao seu lado, emocionou o Brasil, e mostrou como é o dia-a-dia de uma adolescente que é mãe precocemente.

49 – Mocotó (André Marques) – Malhação/ 1995 a 1997

Rede Globo

Na antiga academia da Malhação Mocotó fez os telespectadores da tarde rirem, com seu jeito atrapalhado e conquistador com as mulheres, Mocotó marcou.

50 – Xica da Silva (Taís Araújo) – Xica da Silva/1996

Rede Manchete e SBT

A escrava que virou rainha apareceu na tela na rede manchete e foi um verdadeiro sucesso. Xica casa-se com o contratador João Fernandes (Victor Wagner) e passa a morar numa mansão, com direito a um rio artificial e um navio.

51 – Dara (Tereza Seiblitz) – Explode Coração/ 1996

Rede Globo

Dara lutou contra tudo e contra todos, inclusive contra seus costumes para viver um romance com Júlio Falcão (Edson Celulari), um empresário que adora dinheiro e era conquistador de mulheres.

52 – Sarita Vitti (Floriano Peixoto) – Explode Coração/ 1996

Rede Globo

A travesti que fazia performances na trama de Glória Perez deu o que falar. Sarita se vestia como mulher, mas tinha uma queda por Rose (Paula Burlamaqui).

53 – Fada Bela (Angélica) – Caça-talentos/ 1996

Rede Globo

Nesta época Angélica lançou a novelinha dentro de seu Angel mix, e foi um sucesso imediato. A história de Bela, uma fada que era humana e que foi criada no Mundo mágico, cativou todos na época. Exibida no horário do almoço, Bela foi para o mundo real para conhecer os humanos, e lá foi trabalhar na agência “Caça-talentos”, apaixonando-se por Arthur (Eduardo Galvão).

54 – Maria Altiva Mendonça de Albuquerque/ 1997

Rede Globo

Vilã da novela de Aguinaldo Silva, Altiva passava por cima de todos na cidade de Greenville, mas a personagem tinha um tom cômico. Suas frases como: ô chente mi gódi era inesquecível. No final da trama a vilã virou fumaça e prometeu voltar.

55 – Mili (Fernanda de Souza) – Chiquititas/ 1997

SBT

O drama da órfã Mili que viveu num internato com vários outros amigos órfãos emocionou as crianças do Brasil. O drama adaptado do mexicano foi um sucesso. A menina ainda contava com a doce Carolina (Flávio Monteiro), a diretora do orfanato para ajudar a encontrar seus pais.

56 – Maria (Thalia) – Maria do Bairro/ 1997**Televisa e SBT**

A jovem catadora que passou de moça pobre a milionária. Para viver em paz e feliz com seu amor, o rico Fernando de La Vega (Fernando Colunga), Maria teve que enfrentar a ira de Soraya (Itatí Cantoral). Sucesso mexicano.

57 – Hilda Furacão (Ana Paula Arósio) – Hilda Furacão/ 1998**Rede Globo**

Hilda era uma moça simples e recatada. Mas tudo mudou no dia em que desistiu de seu casamento e foi morar na zona boêmia, lá, ela passa a trabalhar como prostituta e no meio de tudo isso acaba se apaixonando por um frei, o Malthus (Rodrigo Santoro).

58 – Branca Letícia de Barros Mota (Suzana Vieira) – Por amor/ 1998**Rede Globo**

Vilã da novela de Manoel Carlos, Branca era sofisticada e odiava um dos filhos, Leonardo (Murilo Benício). Além de fazer com o que o namorado da filha fosse preso inocentemente. Branca ainda tinha uma paixão por Atílio (Antonio Fagundes).

59 – Sandrinha (Adriana Esteves) – Torre de Babel/ 1998**Rede Globo**

Sandrinha marcou com seu ar sapeca e andar só no sapatinho. Foi quem levou o shopping Tropical Tower pros ares.

60 – Jamanta (Cacá Carvalho) – Torre de Babel/ 1998**Rede Globo**

Jamanta fez rir na trama de Silvio de Abreu, com um jeito meigo e bem infantil, o borracheiro encantou o Brasil.

61 – Alicinha (Daniele Winits) – Corpo Dourado/ 1998**Rede Globo**

A engraçada Alicinha chegou a Marimbá para agitar a trama. Com seu jeito engraçado e estilo loira burra, Alicinha fez par com um caipira rico e atrapalhado, Jorginho (Gerson Brenner). Depois disso passou a ser uma caipirona burra.

62 – Giuliana (Ana Paula Arósio) – Terra Nostra/ 1999**Rede Globo**

O drama da imigrante italiana Giuliana, emocionou os telespectadores. Mas para a personagem ter seu final feliz houve muito choro e muitos desencontros.

63 – Uálber (Diogo Vilela) – Suave Veneno/ 1999**Rede Globo**

O paranormal Uálber se destacou na trama ao lado de Edilberto (Luis Carlos Tourinho), na história, seu personagem tinha o poder de prever coisas e ainda sentir quando a reencarnação do demônio estava por perto.

64 – Chiquinha Gonzaga (Gabriela Duarte) – Chiquinha Gonzaga/ 1999**Rede Globo**

A vida da compositora brasileira foi perfeitamente interpretada por Gabriela Duarte na primeira fase... E mostrou toda a luta da personagem em ser reconhecida no meio musical.

65 – Catarina (Adriana Esteves) – O Cravo e a Rosa/ 2000**Rede Globo**

Catarina era feminista e não aceitava se casar de maneira alguma, depois de seu pai praticamente jogar Petrucchio (Eduardo Moscovis) pra ela, Catarina foi obrigada a se casar e agüentar o machão. Foram cenas hilárias, entre o bronco e a fera.

66 – Íris (Deborah Secco) – Laços de Família/ 2000

Rede Globo

A espevitada Íris atiçou os telespectadores da época. Muito sensual e jovem, Íris foi a vilã da novela, e infernizou sua sobrinha Camila (Carolina Dieckmann). Para conquistar seu primo Pedro (José Mayer), a menina até dançava de calcinha em frente ao espelho.

67 – Cabeção (Sérgio Hondjakoff) – Malhação/ 2000 a 2006

Rede Globo

Cabeção era um rapaz de bem com vida que aprontou muito em malhação e como ele mesmo dizia, namorou muito sua deusa nipônica, Myuki (Daniele Suzuki). Seu carro se chamava ogromóvel.

68 – Tatuapú (Cláudio Heinrich) – Uga Uga/ 2000

Rede Globo

O índio louro da novela das sete fez sucesso. Tatuapú era um branco que perdeu os pais ainda pequeno durante um ataque de uma tribo em seu acampamento. Anos mais tarde, agora criado como índio é encontrado pelo avô e levado para a cidade grande. Lá muitas confusões engraçadas acontecem.

69 – Isabel (Alessandra Negrini) – A muralha/ 2000

Rede Globo

Mulher forte e destemida, Isabel desbravava o Brasil com seu tio Dom Braz (Mauro Mendonça). Sempre arredia e arisca, no final da minissérie ela se transformou em uma onça.

70 – Capitu (Giovana Antonelli) – Laços de Família/ 2000

Rede Globo

Capitu foi a grande revelação da novela. Garota de programa de família, Capitu trabalhava para sustentar seu filho e ajudar seus pais. Para ter seu final feliz ao lado de Fred (Luigi Barringelli), a moça teve que penar nas mãos de seu ex-namorado, pai de seu filho, e de um cliente que a queria a todo custo.

71 – Rui (Luiz Fernando Guimarães) – Os Normais/ 2001 a 2003**Rede Globo**

Ao lado de Vani (Fernanda Torres), Rui provocou risadas no seriado que não era nada normal. Situações jamais vistas no cotidiano de um casal foi mostrado com muito humor escaçado.

72 – Vani (Fernanda Torres) – Os Normais/ 2001 a 2003**Rede Globo**

Assim como Rui (Luiz Fernando Guimarães), Vani também era engraçada. Uma de suas características era falar olhando pra câmera coisas que ela realmente pensava.

73 – Agostinho (Pedro Cardoso) – A Grande Família/ 2001**Rede Globo**

O taxista trambiqueiro faz todos rirem há 8 anos e é um dos sucessos do seriado humorístico. Muito esperto, Agostinho inferniza a vida de seu sogro Lineu (Marco Nanini) e vive se metendo em muita confusões.

74 – Dona Jura (Solange Couto) – O Clone/ 2001**Rede Globo**

Famosa por seu bordão “Não é brinquedo não”, Dona Jura ficou também conhecida por seu jeito despachado na trama e por seu bar que recebia muitos famosos, entre eles: Pelé, Sargentelli e alguns nomes do samba.

75 – Anita (Mel Lisboa) – Presença de Anita/ 2001

Rede Globo

Anita era uma ninfeta que não acreditava em coincidências, depois de conhecer Nando (José Mayer), a garota tem um caso com ele mesmo sabendo que ele era casado.

76 – Adma (Cássia Kiss) – Porto dos Milagres/ 2001**Rede Globo**

A vilã da trama não media esforços para transformar seu marido Félix Guerrero em um homem de poder. Para isso a vilã matou muita gente. Para matá-los ela usava um anel que possuía um compartimento com veneno em pó. Durante uma oportunidade, Adma despejava o veneno nas bebidas de seus inimigos.

77 – Jade (Giovana Antonelli) – O Clone/ 2001**Rede Globo**

A mulçumana Jade ditou moda com suas roupas árabes, sua maquiagem ao estilo Jade e suas bijuterias. O amor impossível de Jade por Lucas (Murilo Benício) levou os telespectadores a torcerem pela pobre moça jogava ao vento.

78 – Anita Garibaldi (Giovanna Antonelli) – A Casa das Sete Mulheres/ 2003**Rede Globo**

Mulher forte e destemida, Anita abandonou um marido bêbado e se juntou a Giuseppe Garibaldi (Thiago Lacerda) na revolução farroupilha. Juntos eles lutaram muito e acabaram se apaixonando.

79 – Laura Prudente da Costa (Cláudia Abreu) – Celebridade/ 2003**Rede Globo**

A vilã de Gilberto Braga tomou o lugar da prometer Maria Clara Diniz (Malu Mader) e a fez ficar pobre. Seu caso com o michê Marcos (Márcio Garcia) e seu estilo recatada com lençinho no pescoço, deu o tom de vilã esperta e ao mesmo tempo cachorra, como Marcos dizia.

80 – Márcia (Drica Moraes) – Chocolate com Pimenta/ 2003**Rede Globo**

A Manicura e pedicura (ela dizia assim) que queria a todo custo ser rica e chique caiu no gosto popular. Engraçada, Márcia tinha um caso com o prefeito da cidade de Ventura, mas gostava mesmo era de seu primo. Seu bordão foi muito falado: sou chique, bem!

81 – Santana (Vera Holtz) – Mulheres apaixonadas/ 2003**Rede Globo**

A professora que bebia e ficava de porre gerou polêmicas. Santana não conseguia se livrar do vício, e com isso seu emprego ia para o precipício. Esculachada por muitas pessoas, Santana conseguiu vencer o vício.

82 – Salete (Bruna Marquezine) – Mulheres Apaixonadas/ 2003**Rede Globo**

A pobre menina sofria por não conhecer o pai, sua mãe Fernanda (Vanessa Gerbelli) sempre escondia esse segredo. Com o passar do tempo a menina começou a falar com um anjo, e ficou sabendo que sua mãe ia morrer. A menina sofreu muito durante a novela, mas no final ele soube quem é seu pai e que Lucas, seu amiguinho era seu irmão.

83 – Esteban (Marcos Pasquim) – Kubanacan/ 2003**Rede Globo**

Esteban apareceu do nada em Kubanacan, caindo do céu e sendo salvo por Marisol (Daniele Winits) no mar. Seu relacionamento com Lola (Adriana Esteves) e seu jeito de pescador parrudo, como era chamado, foi inesquecível. No final descobre-se que Esteban veio do futuro.

84 – Darlene (Deborah Secco) – Celebridade/ 2003**Rede Globo**

A espevitada manicure só queria é ter seus 15 minutos de fama. Para isso se envolveu em tudo quanto era situação para aparecer em alguma capa de revista. Com seu jeito Darlene de ser, a moça era bem brega e ao mesmo tempo infantil.

85 - Natasha (Marjorie Estiano) – Malhação 2004

Rede Globo

Natasha foi a grande vilã da temporada de 2004. Junto com Gustavo (Guilherme Beringuer) formava a “Vagabanda”. Marjorie entrou pra vida de cantora a partir daí.

86 – Marinete (Cláudia Rodrigues) – A Diarista/ 2004

Rede Globo

A diarista louca que a cada semana enfrentava situações cômicas com seus patrões eram risadas na certa.

87 – Edilásia Sardinha (Rosi Campos) – Da Cor do pecado/ 2004

Rede Globo

Engraçada e hilária, Edilásia, ou Mamuska como era chamada por seu filhos, foi a sensação da novela. Sua sopa secreta que dava poder nas lutas que seus filhos participavam era o ponto alto de seu núcleo familiar.

88 – Solineusa (Dira Paes) - A Diarista/ 2004

Rede Globo

A “poia” como era chamada, foi a revelação do seriado, com seu jeito engraçada e burra só aprontava com a pobre da Marinete.

89 – Giovanni Improta (José Wilker) – Senhora do Destino/ 2004

Rede Globo

Bicheiro engraçado da novela, Giovanni era apaixonado por Maria do Carmo (Suzana Vieira) e ainda mandava na escola da samba da Vila de São Miguel.

90 – Nazaré (Renata Sorrah) – Senhora do Destino/2004**Rede Globo**

A fenomenal vilã de Renata Sorrah entrou para a história com seu ar debochado, suas falas narcisistas, suas admirações no espelho e a verdadeira maldade, além de roubar uma filha de uma mãe, Nazaré era uma verdadeira vilã capaz de tirar pirulito da mão de criança.

91 – Emerenciana (Patrícia Pillar) – Cabocla/ 2004**Rede Globo**

Simples, de bem com a vida e muito caipira, Emerenciana era esposa do Coronel Boanerges, com um sotaque arrastado, a personagem fazia de tudo para a filha viver seu amor proibido.

92 – Haydée (Christiane Torloni) – América/ 2005**Rede Globo**

Haydée tinha tudo o que queria, era rica, tinha posses e uma filha, Raíssa (Mariana Ximenes). Mas não era feliz em seu casamento com Glauco (Edson e Celulari) e tão pouco compreendida pela filha. Como consequência acabou se tornando cleptomaníaca.

93 – Mirna (Fernanda de Souza) – Alma Gêmea/ 2005**Rede Globo**

Mirna morava com seu irmão Crispim (Emilio Orciollo Neto), e sempre sonhou em se casar com um príncipe encantado. Mas para seu desespero Crispim não deixava nenhum pretendente se aproximar. Sua única companhia era a pata Doralice.

94 – Crispim (Emilio Orciollo Neto) – Alma Gêmea/ 2005**Rede Globo**

Assim como sua irmã, Crispim era solteiro e vivia com a irmã no sítio. Muito simples e cheio de ciúmes da irmã, Crispim fazia de tudo para empatar os romances da irmã. Sempre que queria falar com a irmã dava um enorme grito: Mirnaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa!

95 – Nanda (Fernanda Vasconcellos) – Páginas da Vida/ 2006**Rede Globo**

Nanda engravidou de seu namorado durante uma viagem para Amsterdã, e na volta ao Brasil sofreu uma barra para poder ter seus filhos gêmeos. Nanda morreu no parto de seus filhos. Foi uma mãe emocionante.

96 – Pascoal (Reynaldo Gianechinni) – Belíssima/ 2006**Rede Globo**

O borracheiro Pascoal era muito esperto, mas quando se travava do português era uma perfeita negação. Sua relação com Dona Safira (Claudia Raia) era um estouro.

97 - Alzira (Flávia Alessandra) – Duas Caras/ 2007**Rede Globo**

Alzira deu o que falar ao levar uma vida dupla. Por não ter um marido presente e que trabalhe, Alzira fingia trabalhar em um hospital como enfermeira, mas na verdade trabalhava numa boate como dançarina de Pole Dancing.

98 - Bebel (Camila Pitanga) – Paraíso Tropical/ 2007**Rede Globo**

Com muita catigoria, Bebel chegou de mansinho na trama e foi crescendo. A garota de programa caiu no gosto do público e foi a sensação da novela.

99 – Rakelli (Isís Valverde) – Beleza Pura/ 2008**Rede Globo**

Com roupas muito coloridas, também escorregando no português e com um ar de inocente, Rakelli foi o sucesso da novela. Seu par era o pedreiro Robson (Marcelo Faria).

100 – Flora Pereira da Silva (Patrícia Pillar) – A Favorita / 2009

Rede Globo

Sem dúvida o ano foi da Flora, vilã da novela das oito, Flora mostrou todas as suas loucuras, tanto da infância como de adulta. Mas o que realmente marcou foi sua cantoria com o hit “Beijinho Doce”.

ANEXOS

ANEXO A – MARIA DE FÁTIMA (GLÓRIA PIRES) E RAQUEL ACIÓLI (REGINA DUARTE), MÃE E FILHA/ SITE UOL ENTRETENIMENTO



ANEXO B – RAQUEL ACIÓLI (REGINA DUARTE) SOFRE AS PIORES MALDADES/ ALMANAQUE DATV GLOBO



ANEXO C – A VILÃ ODETE ROITHMAN (BEATRIZ SEGALL) / ALMANAQUE TV GLOBO



ANEXO D – A ALCÓOLATRA HELENA ROITHMAN (RENATA SORRAH) / SITE TV FOLHETIM, TOP NOVELAS



ANEXO E – O SEM ÍNDOLE MARCO AURÉLIO (REGINALDO FARIA) / SITE TV FOLHETIM, TOP NOVELAS



ANEXO F – IVAN (ANTONIO FAGUNDES) E RAQUEL ACIÓLI (REGINA DUARTE), UM VERDADEIRO AMOR/ SITE TV FOLHETIM, TOP NOVELAS



**ANEXO G – IVAN MEIRELLES (ANTONIO FAGUNDES) / SITE TV FOLHETIM,
TOP NOVELAS**



**ANEXO H – MARIA DE FÁTIMA ACÍOLI (GLÓRIA PIRES) / SITE TV
FOLHETIM, TOP NOVELAS**



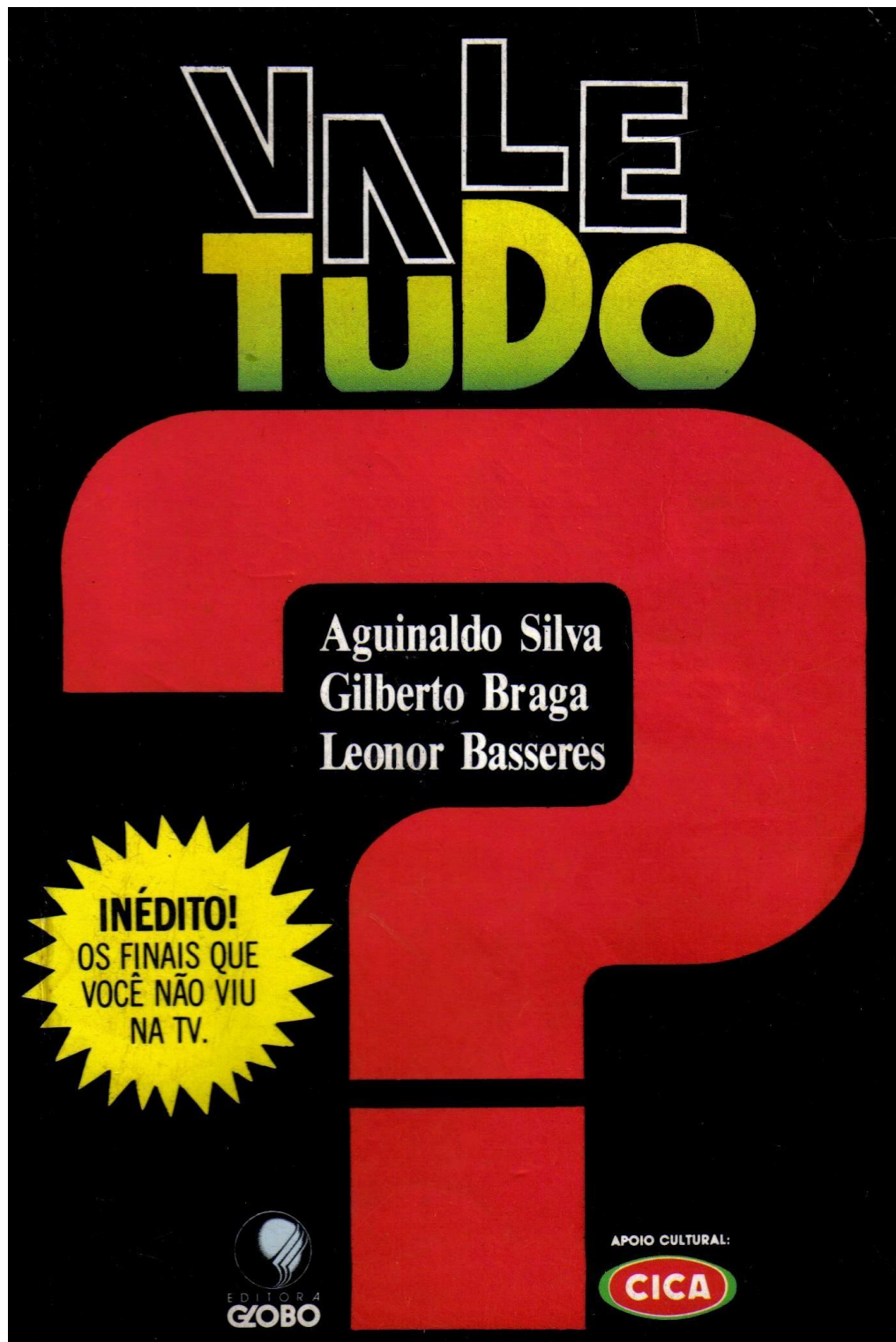
ANEXO I – ODETE ROITHMAN (BEATRIZ SEGALL) E CELINA (NATHALIA TIMBERG) / SITE TV FOLHETIM, TOP NOVELAS



ANEXO J – O ASSASSINATO DE ODETE ROITHMAN (BEATRIZ SEGALL) / ALMANAQUE DA TV GLOBO



ANEXO K – A NOVELA EM LIVRO/ ADAPTAÇÃO EDITORA GLOBO



ANEXO L – CAPA DA TRILHA SONORA NACIONAL/SOM LIVRE



ANEXO M – CAPA DA TRILHA SONORA INTERNACIONAL/SOM LIVRE



**ANEXO N – CANTOR CAZUZA, COMPOSITOR DA MÚSICA “BRASIL” / LIVRO
SÓ AS MÃES SÃO FELIZES**

